

ATALIBA - O VAQUEIRO

Francisco Gil Castello Branco

5ª edição



Ataliba, o vaqueiro



012826



FRANCISCO GIL CASTELLO BRANCO

Profa. Esp. Ediane Silva Lima
Fones: 8807-7175 9913-3516
e-mail: limaedianeblues@yahoo.com.br

ATALIBA
O VAQUEIRO

5ª Edição



PI
869.3
C348a
5. ed.
ex. 3
(Não é
catino)

2001

KB: 5991

BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 032826
DATA 23 / 03 / 19

Ataliba, O Vaqueiro – 2001

Editor: Cineas Santos

Capa: Foto de André Pessoa; arte final: Kazaka

Composição: Fátima Mendes

Revisão: Rosa P. Silva

Fotolito e Impressão: HALLEY S.A. Gráfica e Editora

Castello Branco, Francisco Gil

C349a Ataliba, o vaqueiro: Francisco Gil Castello Branco. Estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo. 5ª.ed. Teresina: Convênio Editora Corisco, 2001.

86p.

1. LITERATURA BRASILEIRA – PROSA – FICÇÃO

2. LITERATURA PIAUIENSE – PROSA – FICÇÃO.

I. Série

II. Título

CDD-869.3

Direitos desta edição reservados pela Livraria e
Editora Corisco Ltda.

R. Álvaro Mendes – 1310 – Teresina - Piauí

Fone: (086) 221-4845 – Fax: (086) 221-3717

SUMÁRIO

Romance da Seca	5
Escritores do Norte do Brasil	7
Ataliba, O Vaqueiro: Precursor do Romance da Seca	9
Ataliba, o Vaqueiro: Folhetim da Seca	13
Bibliografia	21
Duas Palavras	23
Carta Preliminar	25
ATALIBA, O VAQUEIRO	
Ataliba O Vaqueiro	29

O ROMANCE DA SECA

Manoel Paulo Nunes*

O romance de 30 ou de documentação sociológica da realidade brasileira, que se implantaria em nossa literatura na esteira da renovação estética trazida pelo modernismo, ampliou a sua temática, no sentido de incorporar ao fenômeno literário nacional aspectos até então ignorados pela nossa romancística.

Começou por modificar a sua linguagem, sobretudo com o aparecimento de **Macunaíma**, de Mário de Andrade, em 1928, ensejando-nos novas formas de expressão e incorporando a essa linguagem o fabulário popular. Era quase que uma nova língua que aparecia, pois a experiência representava a estilização da linguagem do povo brasileiro. Lendo agora, pela 4ª vez, o **Angústia**, do mestre Graciliano Ramos, em sua 39ª edição (Record, Rio, 1993) pude surpreender, nesta obra hoje clássica de nossa literatura, várias expressões populares, como o emprego abusivo do verbo "mangar", no sentido de trocar, que é uma expressão típica da linguagem coloquial do nosso povo, sobretudo do nordestino.

Um dos temas dominantes no romance de 30 é a tragédia da seca, que constitui desafio permanente à incompetência de nossos governos.

Chamava a atenção em um Congresso de Literatura, de que participei, o mestre Afrânio Coutinho, historiador e crítico dos maiores que possuímos, para o fato de ser o romance da seca um dos mais ricos filões de nossa literatura, não tendo assim aparecido apenas depois do êxito de **A Bagaceira**, de José Américo de Almeida, em 1928, que suscitou aquele brado em famoso artigo de Tristão de Athayde: "Romancista ao Norte". Pode-se rastreá-lo desde as primeiras manifestações literárias do realismo entre nós. E indicava ele com obra precursora dessa tendência o romance de Rodolfo Teófilo, que não pude encontrar ainda, intitulado **Fome**, que se situa precisamente nessa fase e aparecido em 1890.

Antes disso, entretanto, já um piauiense, F. Gil Castello Branco, no ano de 1880, publica, pela Tipografia Cosmopolita, do Rio de Janeiro, o romance **Ataliba, o Vaqueiro**, obra de cunho romântico, anteriormente aparecida em folhetim e que retrata, em cores dramáticas, toda a tragédia da seca no Nordeste, cujo cenário é o Ceará e o Piauí.

Esta obra, pioneira no assunto, é a rigor a primeira manifestação conhecida do romance da seca, em nossa história literária, explorando assim, magistralmente, um filão que continuaria até os nossos dias e teria os seus momentos marcantes com **Luzia Homem**, de Domingos Olímpio, de 1908, **Aves de Arribação**, do cearense Antônio Sales, de 1902-14, o já citado **A Bagaceira**, de 1928, **O Quinze**, de Raquel de Queiroz, sua obra de estréia, em 1930, e **Vidas Secas**, o clássico de Graciliano Ramos, em 1938.

*Professor da UFPI.

Membro da Academia Piauiense de Letras

ESCRITORES DO NORTE DO BRASIL*

(Dr. F. G. Castello Branco)

Franklin Távora**

Do dr. Gil Castello Branco, escritor piauiense, conheço unicamente o volume em que estão reunidos três contos: **Ataliba, O Vaqueiro, Hermione e Abelardo e A mulher de ouro.**

O primeiro desses contos é evidentemente trabalho que se deve classificar entre os da literatura do Norte.

É um episódio de seca.

O aspecto local foi transportado para o livro com fidelidade. Caracteres verdadeiros. Cenas tão naturais que parecem autênticas. Muita vibração de sentimento.

Em um outro ponto o autor dá a entender que não lhe é de todo estranho o vocabulário usado no Sul. Exemplo: a um homem que caiu não se pergunta, no sertão, se está machucado. Machucado no sentido de molestado ou confuso, é termo do Sul.

Sabe-se que estes pequenos nada entram por muito nas narrativas de costumes. Se no sertão puserem a linguagem do praticano, tê-lo-ão falseado tanto como se em lugar de lhe porem: "vestia guarda-peito e perneiras de couro," o trouxeram de calças, colete e paletó.

O vocabulário do Norte é uma das qualidades que mais afirmam a sua autonomia.

O habitante daquela região não diz ao menos – "Ora, não mexa comigo," mas – "Não bula comigo," não diz – "Estou vexado," por – "Estou envergonhado," mas sim, por – "Estou aflito."

Como fica bem na narrativa do Sr. Castello Branco aquele – "Quem, quem, gentes!" Aquele – "Iche!" Aquele – "Inhá, sim!" e outras frases populares muito conhecidas em todo o Norte.

A vida doméstica está perfeitamente desenhada nas páginas do livro. A comida e o modo de a preparar e usar foram fielmente representados.

O desafio e os versos populares são característicos.

As primeiras manifestações da seca, o esfolar das reses mortas, a tristeza, as inquietações, os cuidados, o chegar dos primeiros retirantes, os horrores sucessivos foram reproduzidos sem esforço. O leitor está conhecendo que o autor viu todas as linhas gerais, todos os traços particulares da grande calamidade. Na descrição, que não tem aliás vastas proporções, predomina a intuição, por assim dizer, visível dos desas-

* Publicado no Jornal "A Reforma", Teresina, 28 de abril de 1888, Ano II, nº 52, p.2, transcrito do jornal "A Semana", do Rio de Janeiro.

** João Franklin da Silveira Távora (1842-1888), escritor cearense, autor de "O Cabeleira" (1876).

tres iminentes, o sentimento da catástrofe, que avizinha, ao princípio, do tamanho de um vampiro, depois, com as dimensões da coruja colossal e medonha.

A tristeza, que sugere no espírito pacífico sertanejo o secar lento e gradual do tanque da fazenda, tem a eloquência fúnebre das grandes agonias vagarosas e fatais.

Se neste país houvesse espírito literário, esta narrativa, por ser curta e sintética, andaria em todas as mãos.

Em tão singelo e pequeno quadro ainda não vi pintura tão fiel.

Sobre o assunto de Ataliba, o vaqueiro, isto é, a seca do Ceará, há duas narrativas conhecidas: **Os Retirantes**, do Sr. José do Patrocínio, e **O Retirante** do dr. Araripe Júnior. A última não está concluída. Conheço dois dos capítulos em que se divide, e que viram a luz no **Vulgarizador**, periódico publicado há alguns anos nesta corte. Poderia vir a ser imagem fiel dos quadros de horror que este fenômeno meteorológico produz na zona cearense.

Quanto aos **Retirantes**, o autor focalizando a ação principal na capital, apenas nos oferece cenas de prostituição, venalidades e corrupção.

Não direi que não há verdade nisto: há. Mas o que me parece é que a parte mais interessante não está naquele ponto, que se deve considerar o último da tragédia.

A parte verdadeiramente dramática, ao meu ver, da deixada da emigração forçada, está no longo e penoso trajeto, através de inóspito e desolado sertão, reduzido a poeira e fogo, quando meses antes era o verdor, a fartura, a alegria.

Esta ramagem de fome, sede e morte não podia ser deixada de parte pelo artista formado naquele meio.

Longe disso, a sua principal observação e estudo haviam de convergir para o êxodo, que nem o maná, nem a linfa pura, que irrompeu do penhasco percutido pela vara bíblica, suavizam e refrigeram.

Nota-se que lhe falta o sentimento, a alma do Norte. Lendo-se aquele livro, onde abundam cenas de naturalismo das grandes cidades, compreende-se que o naturalismo sertanejo não foi ali representado.

Quão longe estão os retirantes de Motta Coqueiro, onde há vida, movimento, graça e verdade, onde a linguagem dos personagens, as descrições dos lugares não podiam ser mais fiéis, onde brilhantemente se afirmam os talentos do escritor e do artista.

ATALIBA, O VAQUEIRO: PRECURSOR DO ROMANCE DA SECA

Maria Gomes Figueiredo dos Reis*

"a verdadeira natureza da obra de arte só é compreendida e explicada pela análise e interpretação de seus elementos intrínsecos, propriamente estéticos"

(COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil)

A evolução da cultura de um povo acompanha o desenvolvimento da sua educação. Durante os três primeiros séculos de nossa existência a história educacional do Brasil foi escrita através dos ensinamentos ministrados pelos jesuítas. À coroa portuguesa não interessava o crescimento intelectual da colônia, que vivia segregada a um único mundo, o reino de Portugal. A instrução em nível médio, marcadamente religiosa, só se completaria, em nível superior, na corte portuguesa, para onde se deslocavam uns poucos privilegiados de origem ou de fortuna. Assim, os primeiros intelectuais brasileiros traziam da Europa, mais precisamente de Portugal, os conhecimentos culturais ali absorvidos. São, portanto, de origem européia as manifestações culturais desenvolvidas no Brasil, até o início do século XIX.

Um momento importante na história da cultura brasileira é assinalado pela chegada de D. João VI, trazendo, para o Brasil, entre outros benefícios, a implantação de nossas primeiras escolas superiores.

Caminhando paralelamente ao seu desenvolvimento educacional, a cultura brasileira, só a partir de então, começará a desenvolver-se e buscar novos fluxos para se afirmar.

No Piauí a situação não poderia ser diferente. Como uma das últimas capitanias a serem "implantadas", somente a partir da segunda metade do século XVIII começaram a ser instaladas aqui as primeiras escolas, obviamente, dirigidas pelos jesuítas. Até então, as fazendas piauienses eram administradas pelos jesuítas da Bahia e a província governada pelos mandatários de Pernambuco e do Maranhão. Foi somente no início do século XIX (1810), que a Capitania do Piauí adquiriu sua autonomia, desvinculando-se definitivamente da administração Maranhense (1). Assim justifica-se o atraso cultural do Piauí em razão da própria situação jurídico-política que a província viveu.

Como ocorreu com a história da literatura brasileira, o primeiro escritor piauiense foi um poeta e teve formação européia. Estamos falando de **Ovídio Sarai-va de Carvalho e Silva** (1787-1852), que publicou em Portugal, em 1808, o livro **POEMAS**, obra marco da história da literatura do Piauí.

*Professora do Departamento de Letras da UFPI

Buscando as raízes da ficção no Brasil, vamos encontrar no movimento romântico as primeiras manifestações da conscientização nacional propostas por José de Alencar, de quem afirma Afrânio Coutinho.

É Alencar quem realiza essa transformação, cabendo-lhe, por isso, o posto de patriarca da literatura brasileira⁽²⁾

Na verdade foi Alencar quem primeiro procurou apontar vertentes diferentes na história da ficção brasileira, seguindo principalmente os caminhos dos romances citadinos e interioranos. Nessa segunda vertente cria uma literatura de cunho mais nacional, escrevendo romances em que procura

abranger os aspectos fundamentais da vida brasileira⁽³⁾

Alencar parte para uma tentativa de abrigar a linguagem, descrever o interior do Brasil, apontando aspectos peculiares dos costumes de nossa gente. Embora não aprofundando as questões abordadas, foram classificados como regionalistas os romances de Alencar que descrevem cenários interioranos e relatam problemas do homem do interior, do vaqueiro, da vida nas fazendas, no campo, como é o caso de **O Gaúcho** (1870), **O Tronco do Ipê** (1871) e **O Sertanejo** (1875).

Entre os ficcionistas românticos podemos relacionar algumas obras que, em razão de terem como pano de fundo a vida interiorana brasileira, foram classificadas como regionalistas. Na verdade, Bernardo Guimarães, em **O Garimpeiro** (1872), aborda um tema incomum, a **mineração** de diamantes no Sertão dos Gerais; já **Inocência** (1872), de Taunay, está concentrada num drama amoroso da personagem título; enquanto Franklin Távora explora a questão do cangaceiro, do banditismo em **O Cabeleira** (1875).

É a vertente regionalista que vai definir o rumo da nova ficção brasileira, a partir do movimento modernista, nascido sob o signo da nacionalidade.

A crítica costuma apontar como precursores do regionalismo modernista, dentre outros, autores que tratam de problemas vinculados à terra, ao homem ou aos costumes da vida interiorana, onde a fome, a seca, a pobreza, a miséria, traduzem a imensa angústia de um povo esquecido de todos. Desta relação, Rodolfo Teófilo aparece com o romance **A Fome** (1890), Afonso Arinos com o livro de contos **Pelo Sertão** (1898), Oliveira Paiva com **D. Guidinha do Poço** (1899). Fazem parte desta lista, ainda os romancistas Domingos Olímpio e sua **Luzia-Homem** (1903), Lindolfo Rocha e **Maria Dusá** (1910).

Desconhecido da crítica e do público brasileiro, é mister destacarmos aqui um livro que apontamos como o primeiro romance de fundo essencialmente regionalista,

que focaliza de forma realista o drama da seca no sertão do Piauí. Trata-se de **Ataliba, O Vaqueiro**, de autoria do piauiense Francisco Gil Castello Branco, publicado em 1878, no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, e em 1880, pela tipografia Cosmopolita, também do Rio de Janeiro.

Anterior a qualquer obra apontada como precursora do regionalismo modernista, **Ataliba, O Vaqueiro** é um relato da trágica vida de um vaqueiro nordestino em luta contra a seca e suas conseqüências fatídicas. O drama da seca é, pouco a pouco, focalizado pelo narrador que vai dosando a tragédia de cada episódio, em escala ascendente, despertando no leitor o interesse pelo destino das personagens envolvidas nos acontecimentos narrados. A paisagem inóspita da seca é pintada em cores fortes; a brutalidade da natureza e dos animais supera a força do homem; a honestidade do agregado, posta à prova, vence os deveres maternos e os anseios do coração; a amizade supera os desejos de sobrevivência, nada é mais importante, mais justo, mais forte que o dever da honra, da honestidade. Para Francisco Gil Castello Branco, reivindicamos o título de precursor do romance sobre a seca. Foi ele o pintor de um dos quadros mais fortes da paisagem da fome, da dor, da angústia do homem e de sua luta, com coragem e fortaleza, contra tudo que o cerca: a luta pela conservação da única fonte de vida, a cacimba e seu pequeno fio de água; a luta contra o fogo que tudo destrói; a luta contra a fome, a sede, a doença, a dor, a luta pela vida contra a morte; enfim, a luta que vence a vida, mas que não vence.

NOTAS

- (1) REGO NETO, Hugo Napoleão. **Fatos da História do Piauí**. Rio de Janeiro: APEC Editora, 1974. p.42.
- (2) COUTINHO, Afrânio. (org.) **A Literatura no Brasil**, 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968. Vol. I. p.24.
- (3) COUTINHO, Afrânio. (org.) **A Literatura no Brasil**, 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. Vol. II. p.245.

ATALIBA, O VAQUEIRO: FOLHETIM DA SECA

Maria do Socorro Rios Magalhães*

Maria do P. Socorro N. N. do Rêgo*

Nos anos de 1877 a 1879, o Piauí viveu o período da "grande seca", que arrasou o sertão nordestino, cujos clamores repercutiram na imprensa do Rio de Janeiro, capital do Império. Sensibilizado, o Imperador chegou a ameaçar vender as jóias da Coroa para salvar o povo nordestino da fome e da miséria. Vozes piauienses também se levantaram na capital do país, denunciando a tragédia vivida pelos sertanejos na longínqua e desconhecida Província do Piauí. Políticos faziam discursos, como fez João Lustosa da Cunha Paranaguá, na sessão do Senado de 25 de junho de 1877; homens de letras escreviam nos jornais, como fez Francisco Gil Castello Branco, autor de **Ataliba, O Vaqueiro: Episódio Da Seca Do Norte**, obra em prosa, publicada durante o ano de 1878, em forma de folhetim, no jornal "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro.

Francisco Gil, que emigrara do interior do Piauí para o Rio de Janeiro, era filho da tradicional família Castello Branco, constituída de proprietários de terras que se estendiam pelos atuais municípios de Campo Maior e José de Freitas. Da terra natal, Francisco Gil guardara a lembrança da aridez, da esterilidade, da prolongada ausência de chuvas sobre o solo devastado, mas também a lembrança da beleza singela das mulheres, dos saraus domésticos em noites de luar, das rendas de labirinto, do traje de couro dos vaqueiros e, sobretudo, do modo de falar do povo piauiense.

A publicação de **Ataliba, O Vaqueiro**, inicialmente como folhetim, ancestral das atuais telenovelas, indica que o tema da seca se tornara de interesse popular. Havia uma certa curiosidade pela vida desta gente que, embora fosse brasileira, sobrevivia em condições tão precárias, a ponto de chocar o cidadão carioca, que só então começara a perceber a existência de um outro país na região norte do Brasil. A força da realidade nordestina, contudo, irromperia no centro-sul somente no início do século seguinte, com a revolta de Canudos, registrada fielmente n'**Os Sertões** de Euclides da Cunha.¹

Em 1880, Francisco Gil Castello Branco reuniu **Ataliba, O Vaqueiro** a outras duas narrativas, **Hermione e Abelardo** e **A Mulher de Ouro**, num volume publicado pela Tipografia Cosmopolita, do Rio de Janeiro, graças ao patrocínio do comerciante Eugênio Francisco Magarinos Torres. No prefácio, o autor enaltece a sensibilidade literária do patrocinador e denuncia a má vontade dos editores para com os autores nacionais em favor da publicação de "indigestas traduções de brochuras francesas".

Como revela no prefácio, Francisco Gil vivia do salário de funcionário público, que o obrigava a uma vida de privações e ao exercício diário de escrever frases

*Professoras do Departamento de Letras da UFPI.

nada literárias, como "tenho a honra de passar às mãos de V. Ex^a. etc, etc". O autor recebeu a oferta de financiamento de seu livro não apenas como reconhecimento de seu valor, mas também como prova da mudança de mentalidade da classe empresarial: "o nosso comércio já se compõe de um pessoal diferente do que dantes trajava jaqueta e nos anúncios das folhas diárias encontrava o livro dileto às suas distrações de espírito".

Ataliba, O Vaqueiro, primeira narrativa que compõe o livro é a que mereceu maior atenção da crítica, provavelmente, pelo assunto abordado, a seca no sertão nordestino, a vida e os costumes das províncias do norte², que trazia para o público o sabor exótico recém-descoberto desse outro lado do país. Fizeram menções elogiosas à obra, na época de seu surgimento, no "Diário de Notícias", os críticos José de Vasconcelos, redator do "Jornal do Recife" e Franklin Távora no artigo "Escritores do Norte do Brasil: Dr. F. G. Castello Branco", publicado em "A Semana", do Rio de Janeiro. Na mesma época, saiu ainda o comentário do poeta Teixeira de Mello, publicado junto com o livro em 1880.

Esta obra de Francisco Gil Castello Branco é a primeira prosa ficcional a ter como cenário o tórrido sertão piauiense e como personagens os humildes habitantes dessas paragens. A ação é localizada em "terras do Piauí, para as bandas do Marvão", atual Município de Castelo do Piauí, próximo à fronteira com o Ceará.

As personagens apresentadas na obra são das camadas populares, agregados, trabalhadores braçais, pessoas subalternas aos proprietários da terra, por isso mesmo, todas vítimas da seca, que atingia, principalmente, os pobres, visto que os ricos tinham meios de escapar ao flagelo, pois, como lembra Maria Mafalda Araújo em **O Poder e a Seca de 1877 a 1879 no Piauí**, "as famílias abastadas tinham melhores condições de migrarem, em decorrência de inúmeros fatores, principalmente por possuírem escravos que utilizavam no serviço de transporte"³.

De fato, em **Ataliba, O Vaqueiro** quem aparece é a gentinha da roça, arraia-miúda, indefesa e impotente diante dos rigores impostos pela Natureza. Pressionadas a deixar seus lares, elas se transformam nos tristes e esfarrapados retirantes, a percorrer a imensa caatinga "como beduínos no deserto", nas palavras de Francisco Gil.

As personagens criadas por Francisco Gil não apresentam complexidade psicológica, não alimentam conflitos interiores, tampouco têm consciência dos problemas sociais em que estão inseridos. O narrador atenua o caráter superficial de suas personagens, enfatizando a ingenuidade e ausência de sentimentos mesquinhos como atributos naturais do sertanejo:

Uma palavra, um acontecimento insignificante, preocupa o espírito dos pobres campônios e enche-lhes de ventura a alma, repleta de sentimentos generosos e inocentes nas aspirações, vazia das misérias que espalham a ambição.

O homem sertanejo aparece tão somente como vítima do lamentável desastre da Natureza, representado pela seca, esta sim a grande personagem da obra, antagonista que altera a placidez da vida amena e feliz da população campesina. O narrador mostra o sertão antes da seca como um verdadeiro paraíso tropical:

Campinas imensas, unidas como a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçam airosas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo.

Sob a seca impiedosa, o sertão transfigura-se num inferno:

As campinas estavam queimadas e apinhadas de ossos e arcabouços. Os cardumes de moscas varejeiras, mosquitos e vermes asquerosos zumbiam e pulavam em torno destes rostos repugnantes, que revolviam, carcomiam e consumiam. Os animais com as narinas dilatadas, aspirando o ar, e as línguas pendentes, uivando e estorcendo-se, a cada instante caíam e morriam desesperados.

O narrador oferece aos leitores de folhetim uma estória que amplia as notícias da seca do norte publicadas pelas gazetas do sul. O que importa não é o romance entre o vaqueiro e a roceira, mas como o fenômeno da seca abala a tranquilidade das famílias sertanejas, frustrando seus ideais e projetos de vida. Assim, o casamento de Ataliba e Terezinha, que tinha tudo para dar certo, pois não havia qualquer empecilho de ordem social, moral ou pessoal, não se concretiza em virtude da grande seca que se abate sobre o sertão, naquele ano de 1877. Ao invés da felicidade matrimonial, os noivos encontram morte trágica, tal como Romeu e Julieta, em plena caatinga.

Quanto à estrutura da narrativa, esta obra que o autor e críticos da época chamam "conto", na verdade, se apresenta como um pequeno romance, dividido em dez capítulos. Até o quarto capítulo, o narrador concentra-se na apresentação do cenário e dos costumes do sertão piauiense, acentuando seu caráter de crônica. Contudo, a partir do quinto capítulo, altera-se o ritmo da narração com o aparecimento da seca, passando a prevalecer a ação que, de forma cada vez mais acelerada, vai-se encaminhando para a destruição total dos protagonistas.

O próprio Francisco Gil confessa, no prefácio, haver precipitado o final da narrativa. Teixeira de Mello⁴ justifica a rapidez do desfecho pela preocupação que teve o autor de não chocar demasiadamente o sensível leitor de folhetim com as fortes cenas vividas pelos flagelados nordestinos. Deste modo, o narrador apressa-se em providenciar uma morte digna e rápida para Ataliba e Terezinha e coloca um ponto final na estória.

Ataliba, personagem-título, é, sem dúvida, o "herói do sertão", na visão apresentada pela obra. Na ausência de figuras importantes da sociedade rural, como proprietários de terras ou representantes do governo, Ataliba era a maior autoridade local, posto conferido por sua condição de vaqueiro, que representava, depois do fazendeiro, o primeiro lugar na hierarquia social do sertão. O vaqueiro nas fazendas piauienses tinha um papel de destaque, era ele quem administrava a propriedade, negociava o gado nas feiras e tinha poder de tomar decisões em nome do fazendeiro.

O vaqueiro Ataliba encarna com perfeição as características do sertanejo já preconizadas por Alencar em seu romance de 1875⁵, que focaliza os sertões do Ceará. Trata-se de um homem forte, corajoso, ingênuo, honesto e sobretudo hábil na convivência com a terra agreste e no desempenho de suas obrigações. Sua aparência física revela a superioridade que o distinguia dos outros personagens:

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era vaqueiro e enamorado. Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu de trancelim e borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era a sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado.

É desta forma romântica e idealizada que Francisco Gil apresenta aos leitores da capital, o sertanejo piauiense, criando um vivo contraste com a figura do retirante nordestino, esfarrapado e faminto, que enchia de pavor a população do centro-sul.

A mesma atitude tem o autor quando vai delinear o perfil das personagens femininas. As sertanejas são comparadas às flores campesinas. E, como tal, exercem um verdadeiro fascínio em quem as contempla.

As filhas do sertão são como as suas flores campesinas, a arte não lhes realça o valor, desabrocham e fenecem ignoradas, mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram!.

O seu poder de sedução é imenso.

Ai! daquele que as viu! jamais as poderá esquecer!

São tão lindas! tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões.

Terezinha, a heroína do caso amoroso focalizado por Francisco Gil, não foge à regra. Possui todos os atributos que tipificam as donzelas daquelas plagas. Ela é tímida, casta, ingênua, inocente, virtuosa, sedutora. E ainda não lhe faltam as marcas que desgastam aquelas mulheres simples entregues às lides do campo.

As tranças espessas, escuras e lustrosas como fios negros de seda, desciam-lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto estragadas pelo trabalho, valiam um tesouro de rainha.

Na tentativa de estabelecer o vínculo homem/natureza, observa-se a comparação entre a forma de amor das jovens sertanejas e o modo de viver das juritis.

Elas amam nas suas cabanas, coitadinhas! – como as juritis nos seus mimosos ninhos, entre os galhos do espinheiro; vivem arrulhando saudades ou trabalhando para os filhinhos, nunca alargando o horizonte do seu vôo para longe do seu tesouro!

Em relação à narrativa de Francisco Gil, pode-se afirmar o que diz Flávio Loureiro Chaves da obra de Simões Lopes Neto: "Vigora a fidelidade descritiva ao meio geográfico, o pitoresco dos hábitos e costumes."⁶ É a paisagem física e social do interior do Piauí que se encontra refletida nas páginas de **Ataliba, O Vaqueiro**. É a fixação do modo de viver da gente simples das bandas de Marvão: a sua vida doméstica, a sua culinária, os seus utensílios, a sua indumentária, as suas modinhas, os seus desafios, as suas festas, o seu folclore.

Digna de destaque é a passagem em que Deodata, a mãe de Terezinha, julgando-a enfeitiçada pela Mãe d'água, faz realizar uma cerimônia para pôr fim ao quebranto. São as crenças dessa gente simples do sertão, levadas, através do folhetim, aos leitores do Rio de Janeiro.

– Está livre a rapariga!... Custou! Estou sempre lhe dizendo: – Terezinha, minha filha, faze o sinal da cruz no pescoço da cabaça antes de a meteres na fonte. Neste riacho há uma Mãe d'água. Não quer me atender! Chora! Chora! Deixa sair o encanto!

Na busca de reproduzir objetivamente a vida do sertanejo, Francisco Gil procura ser o mais fiel possível. Percorrendo as páginas de **Ataliba, O Vaqueiro**, vai-se entrando em contato com utensílios próprios da região, como **papa-fogo, cofo, cuia, urucungo, berimbau, embornal, vara de ferrão, urupemba**, dentre outros.

No documentário de hábitos e costumes, ressalta-se a festa de noivado de Ataliba e Terezinha, evento que bem deixa transparecer a solidariedade da gente simples do sertão.

Na verdade, pouco a pouco, a sua casa ficara apinhada de gente. Era curioso vê-los em bandos, homens, mulheres, velhos e crianças, virem, alegres, marchando, ramram dos pandeiros, ao tilintar das violas, trazendo lenços com beijus e ovos, cestinhos com frutas e outras tais ninharias, para oferecerem à noiva de Ataliba.

As violas, os pandeiros, as danças, as pungas, os desafios, ingredientes tão próprios dessas ocasiões, servem para retratar ainda mais o pitoresco das tradições sertanejas.

O emprego do vocabulário regional na narrativa de Francisco Gil não constitui um ornamento retórico. O aproveitamento da linguagem da região faz parte de uma tentativa de registro da vivência do homem do sertão piauiense.

Na transcrição da fala do nordestino não aparecem somente vocábulos típicos, mas os modismos, a sintaxe, a fonética são também anotados.

Merecem destaque as construções:

- Então, pensa que não a estimo, Sá Terezinha?
- O que tem, Sô Ataliba?
- **Quenquem gentes!**
- **Inhá**, sim mamãe!
- **Iche!**
- **Ó de casa!**
- **Ó de fora!**
- Que **xisma**, homem!
- **Louvado seja Srô Cristo!**

A narrativa de Francisco Gil não apresenta um jogo exaustivo de imagens e de comparações, nem tampouco sua adjetivação é rica. Não há exageros que configurem um ornamentalismo de linguagem, chegando a prejudicar a retratação objetiva da paisagem.

Na caracterização do cenário da seca algumas imagens se destacam, pela precisão com que se apresentam aos olhos do leitor.

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sufocado; as folhas enroscavam-se, engelhavam-se como se fossem frizadas por um ferro encandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pimpilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombava exangue. A miséria invadia tudo de um modo sinistro.

Vivendo em uma época em que ainda era comum o emprego de períodos maciços, cheios de subordinadas e de inversões sintáticas, vale ressaltar na narrativa de Francisco Gil o emprego de períodos curtos, claros e diretos, o que, de certa

forma, já evidencia uma preocupação com a economia verbal tão cultivada posteriormente pelos modernistas.

Ataliba, O Vaqueiro, apesar de escrito há mais de um século, não apresenta problemas de compreensão para o público da atualidade, bem como a sua temática, provavelmente, continuará a despertar interesse, uma vez que ainda persistem no sertão nordestino os problemas gerados pelas condições climáticas da região.

NOTAS

- 1 . **O Sertanejo**, de José de Alencar, publicado em 1875, não faz referência ao drama vivido pelos sertanejos em consequência da seca e do desamparo por parte das autoridades.
- 2 . Na época, a designação 'Norte' abrangia toda a região nordestina e demais estados que constituem o território que atualmente denomina-se 'Região Norte'.
- 3 . ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino. **O Poder e a Seca (1877-1879) no Piauí**. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 1991. p.43.
- 4 . "Carta Preliminar" de Teixeira de Mello, datada de 29 de julho de 1878, publicada por Francisco Gil Castello Branco, na primeira edição de **Ataliba, o Vaqueiro**.
- 5 . Trata-se de **O Sertanejo**, publicado no Rio de Janeiro, em 1875.
- 6 . CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. p.15

BIBLIOGRAFIA DE FRANCISCO GIL CASTELLO BRANCO

- A pérola do lodo, **Revista Lux**, Campos, 1874.
- Um figurino. **Revista Lux**, Campos, 1874.
- O Dr. Julião Alexandre Batista Cabral, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1874.
- Contos e esmo, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1874.
- Ataliba o vaqueiro, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1878.
- **Ataliba o vaqueiro. Hermione e Abelardo. A mulher de ouro**, Rio de Janeiro: tipografia Cosmopolita, 1880.
- Pobreza não é vício, **Gazeta Universal**. Rio de Janeiro, 1884.
- Os gansos sociais, **Gazeta Universal**, Rio de Janeiro, 1884.

Embora esteja registrado o ano de 1874 na obra de João Pinheiro, Literatura Piauiense: esboço histórico, Teresina, Imprensa Oficial, 1937, as obras foram localizadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Jornal Gazeta Universal, com data de 1884.

DUAS PALAVRAS ANTES

Não tencionava reduzir a volumes estes – Contos – escritos ao correr da pena e destinados quando muito ao rodapé dos jornais. Vi-os, porém, espontaneamente reproduzidos em vários importantes órgãos de publicidade do país, precedidos de palavras de animação que me causaram verdadeiro júbilo, tanto mais quanto partiram elas de escritores proveitosos e abalizados, alguns dos quais não tenho a satisfação de tratar pessoalmente, como seja, entre eles, o ilustrado senhor José de Vasconcelos, o indefesso redator do **Jornal do Recife**.

Conhecedor dos costumes das províncias do Norte, aceitei o seu laudo como o maior prêmio de honra a que poderia aspirar o meu trabalho, e arqueei-o na memória.

Deixei, pois, aqueles folhetins a engrossarem o montão de papéis velhos, que se não tem, todavia, ânimo de condenar a um **auto de fé**, e continuei no meu labutar de pequeno empregado público a copiar as frases sacramentais dos clássicos officios – **Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex^a, etc, etc**, – e a distribuir o meu magro vencimento com as despesas essenciais à terrível lei sociológica de Darwin – **Struggle for life**.

Sinto, porém, haver precipitado, por circunstâncias que não me parece oportuno declinar, o enredo do **conto** que dá título ao presente volume. Já agora ficará como saiu à luz pública a primeira vez.

Graças à generosidade dum distinto membro da classe comercial desta corte, o Sr. Eugênio Francisco Magarinos Torres, a quem tive de obedecer, vão estes **contos** incorporar-se em livro.

Pertence-lhe este exclusivamente: dedico-lhe cheio de reconhecimento, que não devo calar, embora esta minha declaração lhe ofenda a natural modéstia.

É certamente digno de menção o fato de – na época em que os nossos editores desprezam os escritos dos seus compatriotas e cuidam tão somente em traficar com indigestas traduções de **brochuras** francesas, – vir um moço negociante abrir a sua bolsa para a publicação mais regular de uns folhetins, cuja leitura lhe agradara, mostrando assim que o nosso comércio já se compõe de um pessoal diferente do que dantes trajava jaqueta e nos **anúncios** das folhas diárias encontrava o livro dileto às suas distrações de espírito.

Revelando esta verdade, deponho a pena, entregando o presente volume ao cavalheiro a quem deve ele a existência e, acréscimo, além da nobreza do seu ato, que fica levemente marcado nestas páginas, elas trazem para o leitor um outro merecimento de igual valor – o de saírem a lume no dia do terceiro centenário da morte do grande cantor das glórias portuguesas e virem acompanhados de um breve juízo crítico do mimoso poeta Teixeira de Mello.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1880

O Autor

CARTA PRELIMINAR

É **Ataliba, O Vaqueiro** um desses pequenos contos que firmam a reputação de um escritor, como verá o leitor por si mesmo.

Desafetado na linguagem, sem que todavia descaia no trivial, naturalíssimo e verdadeiro quando faz falar os personagens do seu drama, sabe o autor captar a atenção e excitar o interesse, duas condições essenciais neste gênero de escritos. Não tem decerto o enredado trama dos romances monumentais de Dumas e muito menos a intrincada contextura e a interminável sucessão de peripécias, inverossímeis por mal de pecados, dos de Ponson du Terrail; mas sabe fazer sorrir por vezes o leitor e não raro sentir-se comovido interiormente, como se as cenas que a leitura lhe vai passando pelos olhos estivessem na realidade desenrolando-se diante dele.

Na parte descritiva é o autor de um acabado difícil de ser excedido, dando a mais característica e pronunciada cor local ao quadro que a sua imaginação evocou no papel e em que se nos depara um pintor não vulgar.

O tom de naturalidade que soube derramar pelo seu quadro é tal que, já o disse na imprensa um juiz competente e insuspeito, lhe dá uma feição especialíssima que encanta. "A sua mesma singeleza que muito concorre para imprimir ao romance um caráter de verossimilhança, coisa tão essencial em trabalhos desta ordem, deleita pela maneira magistral por que estão desenvolvidos os episódios — José de Vasconcelos, **Jornal do Recife**".

Escrito, ao correr da pena, ao manso perpassar das recordações da puerícia deslizada na terra natal, mantém de tal modo a ilusão do leitor, que lhe parece estar com efeito assistindo ao lúgubre desenrolar da horrorosa calamidade que assola as províncias setentrionais da nossa pátria, sobretudo da pobre vítima sobre que mais pesada carrega, a mão da fatalidade, conquanto o autor apenas pusesse na tela um dos quadros menos aflitivos de que pudera ter-se aproveitado, pois não ousou sair da circunscrição de território em que nasceu, isto é, do Piauí. Não teve ânimo de tocar na chaga viva e funda e palpitante do Ceará, que sangra ainda, e que tão cedo não cicatrizará, infelizmente.

Pareceu-nos que o desfecho saíra um pouco precipitado; o autor, porém, nos ponderou com muita justeza de observação que receara cansar a susceptibilidade nervosa do leitor demorando a sua atenção naquele quadro de horror e desolação; convinha passar quase de relance por aqueles campos despojados de verdura, alastrados de cadáveres e ermos agora das galas com que anteriormente se arreavam garridos e esplêndidos.

Era intenção sua dar a este conto uma segunda parte, em que nos descrevesse o destino dos que haviam escapado à catástrofe.

Ficará talvez para mais tarde, ou, quem sabe? adiado indefinidamente, o que nos ele deu, porém, é bom, é completo, e é quanto basta.

Os outros dois contos, que constituem o volume, não desmerecem do primeiro.

Um deles, por ser da pena adestrada de **Alphonse Karr**, nada perdeu do primeiro valor literário passando pelo seu cadinho. O que o autor denominou – A mulher de ouro – evoca, sem dúvida, na imaginação do leitor conterrâneo do lugar da ação, recordações de caracteres e cenas, que reconheceria nos seus protagonistas como se vivos fossem.

Conquanto a estes sobreleve o primeiro e a tudo o que nos tem dado o autor e que já não é pouco, desempenhou-se em todos eles, quanto a mim, como mestre.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1878

Teixeira de Mello

ATALIBA, O VAQUEIRO

ATALIBA, O VAQUEIRO

(Episódio da Seca no Norte)

I

No extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas de Marvão, passou-se esta cena.

Em linda tarde de um dos últimos dias do mês de setembro do ano próximo findo, Terezinha estava assentada em uma lage, à beira de um riacho cristalino, que coleava por um leito de areias e pedregulhos. Uma grande cabaça e uma rodilha de fibras de palmeira estavam a seu lado, indicando que viera à fonte buscar água.

Terezinha era uma morena sedutora. As suas formas, delineando-se em modesta saia de chita, e os seios arfando sob alva camisa orlada de rendas, ofereciam à escultura um modelo de perfeições. As tranças espessas, escuras e lustrosas como fios negros de seda, desciam-lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto algo estragadas pelo trabalho, valiam um tesouro de rainha; os seus pés de fada perdiam-se em um chinelozinho de **capoeiro**¹; os seus olhos rasgados, brilhantes, transluziam as paixões que, dir-se-ia, dormiam ainda nessa alma inocente.

Uma rosa silvestre entre as madeixas e um rosário de contas brancas, trazendo pendentes uma cruzinha de ouro, eram os únicos enfeites que ornavam esta beleza peregrina.

As filhas do sertão são como as suas flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas; mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram!

Ai! daquele que as viu! jamais as poderá esquecer!

São tão lindas! tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões!

Assim era Terezinha.

O sol ocultava-se, e o horizonte resplandescente de nuvens nacaradas atraía a atenção da donzela enlevada. Todavia, de quando em quando, ela abaixava do céu a sua vista e fitava o último ponto da estrada, inquirindo com inquietação do aparecimento de alguém.

Um suspiro exprimia o seu desengano, e a sua voz maviosa levava as ânsias do coração nestes versículos, entoados como acento sentimental:

(1) Veado

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

O dia some-se: a noite cai,
cobrindo os campos d'escuridão...
Tudo o repouso buscando vai...
Só tu palpitas, meu coração!

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Bravia arara, buscando o ninho,
dos seus palmares gritando vem;
dize-me, ó pássaro, pelo caminho
viste, passando, meu caro bem?

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Corrente clara do meu ribeiro,
que vens de longe, da solidão;
viste passando, o meu vaqueiro?
Oh! diz... que sofre meu coração!

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Batendo as asas, buscando o ninho,
do bosque a rola voando vem,
dize-me, ó rola – por teu caminho
viste, passando, meu caro bem?

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Ó borboleta, tornas do prado...
já muito andaste! vem repousar!
Dá-me notícias do meu amado,
beijando as flores, viste-o passar?

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Nuvens douradas do céu brilhante
que a terra cobrem dos seus primores,
onde o vaqueiro, meu belo amante,
por quem, saudosa, soluço amores?

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!

Um leve barulho fez Terezinha estremecer e, volvendo-se para ali o semblante, deparou com Ataliba.

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza.

O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado.

Com efeito, as suas **perneiras**, o seu **guarda-peito**, o seu **gibão** e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era a sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado.

O bacamarte também lhe vinha a tiracolo e via-se-lhe à cintura uma larga faca de cabo de prata metida na bainha.

A arma de fogo e a lâmina de aço são companheiras inseparáveis do sertanejo; são os seus instrumentos de trabalho, de combate e de vingança! Durante o dia, percorrendo as pastagens, com a pólvora ele derruba a caça, à noite fere a onça-atocaia – o inimigo poderoso. Com o ferro prepara os artefatos próprios da sua profissão, ou deslinda em duelo terrível as contendidas de momento.

São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas.

Não se dobram aos meneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, como os jatobás, que não se curvam ao sopro das ventanias e caem por terra em estilhaços, partidos pelo raio. Não recuam perante o perigo; tremem, entretanto, ouvindo história de duendes!

Empunhando a aguilhada, longa e rija vara com uma ponta de ferro aguçada e enrolada em correias, que se denomina por isso – **vara de ferrão**, Ataliba, firmando-a na laje, nela apoiava o corpo reclinado e em êxtase contemplava Terezinha. Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com o seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze.

Preso com embiras, estava aos seus pés um veadozinho.

– Pensei que não vinha hoje! – disse-lhe Terezinha, em tom falsete de alegria, dissimulando uma censura.

– Quando chegava ao campo do Jacu, vi uma veada com este bichinho; pus-lhe em cima o cavalo e dei-lhe uma corrida bonita! Mas o **alazão** tem estado **aguado**; ainda arrasta o casco esquerdo e tropeçou num toco; eu quis sustentar nas rédeas o animal, a cilha **espocou** e peguei um **tatu**⁽¹⁾

– Está machucado?

– Não!

– O senhor ainda se sai mal destas batidas de emas e veados, Sô Ataliba! Olhe! quem me avisa meu amigo é! Deixe-se destes brinquedos; um dia cai a casa!... Se eu fosse sua irmã ficava zangada e não lhe falava mais! O Senhor não me escuta... não me estima!

– Não a estimo! – exclamou Ataliba, em voz tão doída e ar tão contristado, que a moça se perturbou e arrependeu-se intimamente do que avançara...

– Terezinha?... Terezinha?... trouxe o eco este chamado confundido com o cacarejar de uma galinha.

O som fanhoso do diapasão denotava que o grito partia da laringe de uma velha em momentos de impertinência e que provinha da casa, colocada a algumas braças dali.

– Já vou, mamãe! Já vou! – respondeu a morena, também em tom **superior**, mas com inflexão agradável.

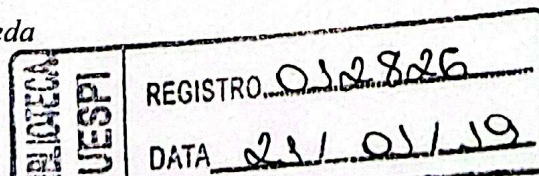
Depois, arranjou a rodilha na cabeça como um coque parisiense, assentou sobre ela a cabaça e partiu, seguida por Ataliba, a quem se dirigiu nestes termos:

– O alazão espetou-se no toco? morreu?

– Não, ficou **cachingando** muito; tirei-lhe os arreios, pendurei-os numa árvore e vim a pé trazer-lhe este bichinho, – disse-lhe Ataliba, indicando o veado novo que, cautelosamente, levava no braço.

A moça fixou o vaqueiro com uma expressão de ternura inaudita e guardou silêncio; mas o seu silêncio era a verdadeira eloquência dos eflúvios dos sentimentos que alimentavam o seu coração de virgem.

(1) Pegar um tatu – levar uma queda



II

O primeiro beijo de amor eletriza a alma, queima-a, sufoca-a em um gozo sublime: um olhar ardente, como aquele que Terezinha deitava a Ataliba, purifica, enobrece, cativa, seduz, é divino, é a própria essência da vida, essência do amor, mas do verdadeiro amor, que se corresponde pelo espírito, cresce nas vigílias e nos sonhos, nutre-se de esperanças sobre esperanças, esquecendo a sensualidade que excita a beleza e desprezando as seduções que as riquezas ostentam.

Este amor era o que Ataliba sentia por Terezinha, e ela o excedia no afeto; este amor é o que se encontra nos sertões.

Lá, como algumas plantas, ele vinga uma vez única naqueles largos peitos **encourados** dos rústicos vaqueiros, e se gera nos corações das pobres donzelas, como a pérola a mais oculta no fundo dos mares. Elas amam nas suas cabanas, coitadinhas! — como as juritis nos seus mimosos ninhos, entre os galhos do espinheiro; vivem arrulhando saudades ou trabalhando para os filhinhos, nunca alargando o horizonte do seu vôo para longe do seu tesouro!

Lá, a timidez, o respeito, a discrição e os desvelos acompanham a donzela em todos os seus movimentos; constituem os esplêndidos florões de sua capela de virgem, as filigranas que formam o cofre sagrado onde ela encerra o seu segredo, o segredo da sua paixão, — poema íntimo, cujas páginas ousa examinar somente depois de ser esposa, nunca antes da realização deste ato da sua única aspiração, da sua única felicidade cá na terra.

Os moços sertanejos consagram uma espécie de culto à virgindade; aca-nham-se perante ela, compreendem-na, adivinham-na por um gesto, por um sorriso, por qualquer contração da fisionomia, nunca a farão corar com uma ousadia, com um pensamento malicioso. A delicadeza do procedimento, a ânsia do seio e a luz do olhar são os vocábulos silentes de que se servem na escolha daquela que deve compartilhar a sua sorte, tornar-se sua mulher, à qual revelam então, em dialeto fluente e que lhes é próprio, as incertezas, o arrebatamento, ou o desânimo que sofreram no mutismo da condição de pretendente!

Ataliba era desta têmpera.

Ele e a morena caminhavam taciturnos; a moça na frente e o sertanejo atrás dela.

Uma idéia atordoava agora o vaqueiro, que a debatia em luta extraordinária. As sílabas interrompidas, tremuladas com dificuldade, e a vista presa ao chão, donde ele ia removendo as pedrinhas do caminho com a ponta da sua aguilhada, assaz denotavam as evoluções que agitavam a sua alma, a qual fielmente se retratava no seu semblante alterado.

— Então, pensa que não a estimo, Sá Terezinha?

A moça conservou-se calada.

– O Cassange chegou hoje da vila e o patrão mandou avisar-me que, para o mês, vinha até cá fazer uma vaquejada.

– Ele trouxe os meus brincos de ouro, que mandei consertar? —

– Estão aqui na minha algibeira.

O sertanejo soltou um suspiro prolongado, seguido de outros decrescentes.

– O que tem, Sô Ataliba?

– Eu desejava aproveitar a vinda do amo e convidá-lo para ser o meu padrinho de casamento!...

Nova escala de queixosos – ais – terminou-lhe a frase.

– Vai casar?... Com quem? – interpelou-lhe Terezinha, segurando a vasilha d'água e ficando imóvel um instante, sem ânimo para encarar Ataliba. Uma lágrima borbulhou-lhe na pálpebra; o seu sangue latejava e o seu coração confrangia-se em dúvida cruel.

– Ande mais depressa, rapariga: tem bichos nos pés? – exclamara a tia Deodata.

Por esta designação era conhecida a mãe de Terezinha, a qual fora em seu tempo um **peixão** – e atualmente não passava de – **ostra**!

Os óculos cangalhos, balançando-se-lhe no extremo do nariz, e os cabelos agrisalhados, arregaçados em cocoruto formando uma coluna inclinada, qual outra torre de Pizza, emprestavam-lhe um aspecto de antighalha, que teria lugar distinto nas vidraças de algum museu arqueológico.

Ela perdera os primeiros filhos que tivera; já contava 36 anos e não esperava outros, o que muito a afligia, quando concebeu Terezinha, que viera ao mundo como um consolo que a Providência lhe trouxera para a velhice.

As suas palavras despertaram a moça da perplexidade em que se achava, e fizeram-na prosseguir, repetindo para Ataliba, e a voz sumida, a mesma pergunta:

– Com quem? Com quem?

– Tenho receio de desagradar-lhe. Se eu fosse mais bonito! Sá Terezinha, se quisesse... eu pedia sua mão a tia Deodata?!

Chegavam.

Terezinha experimentava uma sensação estranha, e, transpondo a soleira, vira-se para Ataliba, dá-lhe um sinalzinho afirmativo e solta em um sorriso de ventura um – **sim!** – tão sutil que o moço não o ouviu, mas pressentiu-o o seu coração, recolhendo-o da aragem, que brandamente passava.

Terezinha ao mesmo tempo ia pedir a bênção a sua mãe, quando a cabaça, saindo da rodilha, caiu ao lado da velha, molhando-a às direitas.

Deodata desapareceu em um salto e voltou imediatamente, trazendo um ramo bento, com o qual principiou a bater sua filha, fazendo mil trejeitos engraçados.

– Está enfeitada! ... Por isto os tições estão apagados! É quebranto da Mãe

d'água! A demora à fonte!... Não querem acreditar na gente antiga!

A moça ria e à proporção que aumentava a sua alegria, a velha desconfiava e redobrava a veemência da sua prática; rezava, cantava, parecia haver perdido o juízo e, apesar da intervenção de Ataliba, ela terminou desfechando em quantidades beliscões e murros em Terezinha, que por fim principiou a chorar.

É o que a velha almejava.

Assim, ao primeiro soluço da moça, suspendeu a cerimônia, persignou-se e, de modo solene, proclamou a salvação da moreninha:

– Está livre a rapariga!... Custou! Estou sempre lhe dizendo: – Terezinha, minha filha, faze o sinal da cruz no pescoço da cabaça antes de a meteres na fonte. Neste riacho há uma Mãe d'Água. Não quer me atender! Chora! Chora! Deixa sair o encanto! A casa está às escuras: onde puseste o **papa-fogo**?

– Não sei dele, mamãe!

– Está ouvindo, Sô Ataliba?

– A lembrança ainda não lhe voltou... é o resto da doença!

Depois deu uma volta, tossiu, parou em frente de Terezinha, cerrou as mãos no estômago e, arrastando as sílabas com toda a gravidade, qual sacerdote de **letras gordas** falando a um moribundo, ela gritava para a filha:

– **Que dê o papa-fogo**, rapariga?

– Não me lembro, mamãe!

– Em nome da Santa Imaculada, **que dê o papa-fogo**, rapariga?

– Não sei, mamãe.

– Em nome da Santa Madre Igreja, de São Pedro e de São Paulo, **que dê o papa-fogo**, rapariga?

Terezinha não tugi nem mugiu.

– Em nome dos Três Reis Magos, **que dê o papa-fogo**, rapariga?

– Em nome da Puríssima Conceição, **que dê o papa-fogo**, rapariga?

– Em nome da coroa do vigário de Cristo, **que dê o papa-fogo**, rapariga?

Este **Kyrie** seria interminável se a moça não houvesse tomado a resolução de virar as costas à sua mãe.

Deodata perdeu o latim do seu breviário e permaneceu estupefata um instante com este procedimento de Terezinha, inverso e adverso aos princípios da sua teologia.

A moreninha, portanto, ateara as iras da velha, cuja reação de pasmo ia arrebentar formidável, quando feliz incidente a interrompeu.

Ataliba sacara da algibeira um rolo de pavio de cera de abelhas, vela que os habitantes dessas paragens sempre trazem consigo, e o decantado **papa fogo**, que não passa de uma ponta das armas de um boi, fechada por uma tampa de caco de **cujuba** ⁽¹⁾ com a alça de correia, contendo algodão e outras matérias inflamáveis.

(1) cabaça

Com um **fuzil** e a pedra adequada, o sertanejo lança chispas neste aparelho coevo dos nossos costumes primitivos e aconchegando a isca a algumas vassourinhas secas, gravetos ou cavacos, graças ao amplo sopro dos pulmões, consegue fogo para a cozinha, para a candeia de sebo e para o cachimbo de barro.

Foi o que fez o vaqueiro.

Enquanto a velha grasnava contra sua filha, ele cuidava deste processo, e dentro em pouco apresentou luz, alumando a casa, o que acalmou a exasperação da mãe de Terezinha.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, boa-noite, tia Deodata! boa-noite, Sá Terezinha!

– A bênção, mamãe! boa-noite, Sô Ataliba!

– Pra sempre! Deus lhe dê as mesmas, Sô Ataliba! – Deus te abençoe, rapariga.

– Vê como o feitiço se sumiu com a luz, Sô Ataliba!

A velha ia rebater o assunto; mas o vaqueiro entregou à moça os seus brincos, que foram a conserto.

Deodata não sofreu a curiosidade, tomou-os à filha e aplicou-lhes os óculos.

– **Quenquem**⁽²⁾ **gentes!** ficaram novinhos! estão bem bonitos, louvado seja Deus! Parece mesmo que vieram da loja de Sô ourives João Antônio! Então, o Cassange chegou? E as minhas encomendas, Sô Ataliba?

– Ele não tarda com elas; quis vir trazê-las.

Deodata ficou alerta e satisfeita; a moça afastou-se para admirar a contento as suas jóias, e o vaqueiro desatava o veado.

A casa da tia Deodata, como geralmente as cabanas do sertão, era coberta de piaçava. As divisões dos aposentos, também construídas do mesmo material, tinham portas de esteiras em talos de buriti.⁽³⁾

Em frente, uma frondosa cajazeira, que ali fora plantada no dia do nascimento de Terezinha, alongava os virentes ramos por sobre as palhas do teto.

Uma **puxada** em forma de varanda, prestava agasalho aos viajantes que armavam as suas redes nas **linhas** de carnaubeiras⁽⁴⁾, que partiam dos esteios.

Vários ganchos de galhos de árvores, pendurados por todos os lados, substituíam as funções de excelentes cabides.

Na sala principal a mobília consistia em dois mochos forrados de sola e um grande pote descansado em uma forquilha de três hastes, enterrada no chão, trazendo ele o competente testo, coroado de uma caneca de folha de Flandres, furadinha e muito amarelada pelo tempo. Em um formidável cepo estava uma espécie de panela

(2) *exprime admiração*

(3) *linda palmeira, cujo fruto é muito saboroso e nutritivo*

(4) *palmeira*

de barro, cheia de sebo, alimentando uma mecha: era a candeia, o lampião doméstico. Perto dele via-se sobre uma pele de cabrito um saco roliço recheado de palhas de milho, distinguindo-se igualmente, um balaiozinho. — Eram a almofada de renda e o estojo de costura da moreninha, o seu cabedal produtivo. Ela trabalhava em primorosos lenços de labirinto, os quais mandava vender à vila e nunca faltava encomenda à sua especialidade, cuja fama corria ao longe.

Preparava-os à luz do azeite daquele bojo de louça calcinada e, entoando alegres cantigas, como as aracuãs⁽¹⁾ noturnas quebrando o silêncio das matas com os seus melancólicos gorjeios, preenchia a tarefa do serão quotidiano, enquanto sua mãe virava as contas do amplo rosário, implorando a clemência divina para as almas do Purgatório. Um jirau, substituindo o préstimo de armários e mesas, elevava-se no canto da sala e mostrava que a tia Deodata tinha tratamento; porque reluziam acolá seis pratos azuis, seis colheres de chumbo, dois talheres, quatro tigelas de várias dimensões, um bule sem asa, de bico partido, uma fileira de colheres de pau, coités, cabacinhas, abanos e uma tulha de peneiras rivalizando com outra de cofos⁽²⁾, grandes e pequenos, redondos e quadrados.

— Vai arranjar a ceia, rapariga; basta de admirar o teu ouro!

— Inhá, sim, mamãe!

Terezinha retirou-se sem se fazer rogar, compreendendo que a sua presença embaraçava Ataliba no pedido que desejava dirigir à velha.

Na verdade o vaqueiro, de cócoras ao lado do veadozinho, alisando-o, esforçava-se por se tornar expansivo, mas tinha a língua pega e não se ajeitava no modo de transpor a dificuldade da ação.

— **Quenquem, gentes! Que bonito bichinho!** Agora é que estou reparando! É seu, Sô Ataliba?

— Trouxe para Sá Terezinha, tia Deodata!

A velha escarrapachou-se no chão em frente do vaqueiro e principiou a examinar o presente feito à filha.

— É tão engraçadinho! Amanhã vou botar-lhe uma figa de osso ao pescoço **por via** dos quebrantos... O Cassange esqueceu o caminho! Não assoma com as encomendas!

— Sabe, tia Deodata, que o patrão para o mês vem vaquejar a fazenda?

— Iche! Não é tempo próprio!

— Talvez queira negociar alguns novilhos da última ferra e potros da era passada com os **marchantes** do Maranhão ou com algum **cabeça-chata**⁽¹⁾

(1)pequenos jacus, cujo cântico alto e melodioso faz-se ouvir à noite sobretudo.

(2)espécie de sacos de palha

– Iche! Os **cabeças-chatas** agora não vêm à nossa coalhada! Ouvi contar que a seca está brava lá pelas bandas deles.

– Inhá, sim, tia Deodata, e também pelos nossos pastos ela já vai fazendo das suas; parece castigo! Bem pregou o missionário barbadinho que, por causa dos balões das mulheres da vila, havíamos de pagar dízimos **aos céus**! Se continuam estas **soleiras** estamos no mato!

– Que a Virgem Santíssima nos proteja e nos livre do mal, amém Jesus! – exclamou a velha batendo no rosto, e acrescentou:

– O Cassange está demorando! Aposto que foi primeiro visitar as **cunhãs**⁽²⁾; que velho delambido, meu S. Benedito! Tornando à vaca-fria, não posso meter no meu tear⁽³⁾ que o amo queira vender gado em tempos tão ruins. Não se sabe servir à gente da praça ⁽⁴⁾. Não entendem do curral e desperdiçam o serviço alheio, entregando a flor das **manadas aos cabeças-chatas**.

– É assim mesmo, tia Deodata!

– Meu defunto tinha esta queixa. Que os anjos advoguem a sua causa!

– Amém!

– Não fique amofinado com isto, Sô Ataliba, talvez o amo mude de parecer. As febres **sezões** estão **lascando**!

O vaqueiro soltou um suspiro.

– Iche! Como suspira! Homem de Deus, não empole o seu coração com esta mágoa. Há de ver que o amo não vem à nossa cancela. Faço uma promessa a Santo Antônio; tenho uma oraçãozinha que não falha!

– Eu quero que o amo venha!

– Iche! Quer que ele venha?!

– Inhá, sim; tenho um negócio com ele, – ajuntou Ataliba, abaixando a vista e fazendo sofrer ao veadinho a consequência do seu acanhamento, acariciando-o com alguma aspereza.

Deodata, farejando novidade, arrastou-se para junto do vaqueiro, e tanto se aproximou dele que a coluna do veadinho ficara emprensada contra o seu abdômen, donde ele soltava com a boca amordaçada na saia da velha, uns sons agudos que, sobressaindo na conversa, assemelhavam-se ao choro de um boneco de Nuremberg, em falta de outra comparação mais delicada.

– Tem um negócio com ele?!

– Inhá, sim, tia Deodata... quero casar-me, e...

– Quer casar-se?!

(1) cearense, e estes denominam espigas aos piauienses

(2) caboclas: – mulheres na língua tupi

(3) meter no tear – meter no juízo

(4) cidade

E a velha aconchegava-se ainda e o animalzinho mais fortemente berrava!

– Com quem, homem?... Diga-me; guardo o segredo.

– Se a tia Deodata não me acha mau.

– Que **xisma**, homem!

– Eu queria...

– Diga, filho de Jesus, diga sem receio... Guardo o segredo.

– Eu gosto de Sá Terezinha, e peço-lhe a mão dela.

A velha deu de assento para trás, recuando como o sapo; O veadinho respirou! O vaqueiro ergueu-se como se fora movido pela eletricidade e, cabisbaixo, aguardou aflito a decisão sobre a sua cartada.

Deodata por fim se levantou com dificuldade e, comovida, alvoroçada abraçou o sertanejo, pronunciando-lhe a sentença com a gravidade de um desembargador togado:

– Sô Ataliba, vocemecê é um homem do bom miolo, tem qualidades, tem **nata** e **soro**... está no caso de **tomar estado**; mas eu não pretendo molestar minha filha. Se ela o quiser, eu também quero, e quando não, o dito por não dito! Não sou **nem carne nem peixe**! Ela decidirá o negócio.

E a velha chamava com alarido a filha.

Terezinha tudo ouvira e correu à primeira intimação, entrando coradinha, vexada, confusa, porém feliz como se o é uma só vez na vida!

– Queres casar-te com Sô Ataliba, rapariga?

A menina lançou um olhar radiante sobre o pretendente e não pôde balbuciar palavra; sumira-se-lhe a voz e o coração palpitava-lhe, oscilando como um cilindro de vapor.

– Queres casar-te com Sô Ataliba, rapariga? Fala sonsa!... Fala!

– Inhá, sim, mamãe!

– Ouviu isto, Sô Ataliba?

– Fala mais alto, rapariga!

– Inhá, sim, mamãe!

– Mais alto, mais alto, rapariga!

– Inhá, sim, mamãe!

A moça, pobrezinha! – empenhava-se em tornar firme a sua resposta; contudo o – sim – que pronunciava apenas vinha morrer nos seus lábios de rosa, pairando em um sorriso de anjo.

– Pois abraça o teu noivo e Deus de Misericórdia os una em um bom casal!

Terezinha não deu um passo; Ataliba ficara igualmente imóvel; a velha trouxe-se-lhe, porém, a filha e envolveu-os ambos em um comum amplexo, jorrando então em copioso pranto o estremecimento de seu amor materno.

Neste momento ressoou lá fora a patriarcal invocação do sertanejo quando pede hospitalidade:

– Ó de casa!

Deodata não atendeu, com a sua costumada presteza ao viajante; ela soluçava de contentamento.

– Ó de casa!

– Ó de fora!

– É o Cassange – disse Ataliba.

– É o Cassange – repetiu a velha abrindo a porta e limpando as lágrimas.

– Louvado seja Srô Cristo!

– Trouxe minhas encomendas?

A figura exótica do preto africano transpunha o batente e ele apareceu na sala carregando ao ombro esquerdo um surrão de carneiro e suspendendo à mão direita um par de alforjes.

Foi então que a alegria emanou daqueles peitos oprimidos pela emoção, como o jorro cristalino que se esguicha pela fenda de alguma penha abalada pela ação da mina.

O aparecimento de Cassange fornecera o desejado pretexto.

Deodata parecia remoçar de trinta anos; Terezinha tornava-se criança, Ataliba perdia a habitual sisudez e, com estrepitoso alarido, batendo castanholas com o dedo, sapateando em redor do africano festejavam em comum a proposta e a aprovação do casamento do vaqueiro com Terezinha.

Cassange, porém, atribuía todo este alvoroço à sua chegada e, correspondendo à tamanha prova de afeto, atrapalhou-se nos alforjes e foi beijar a poeira do chão. O alarido atingiu a última nota superior da algazarra; o riso à gargalhada, que aumentou, aumentou! provocando lágrimas e contorções de prazer.

Cassange encavacou, levantou-se desconfiado e disfarçou o seu **fiasco**, abrindo o surrão e tirando os embrulhos da tia Deodata.

No sertão assim se manifesta o regozijo. Uma palavra, um acontecimento insignificante, preocupa o espírito dos pobres campônios e enche-lhes de ventura a alma, repleta de sentimentos generosos e inocentes nas aspirações, vazia das misérias que espalham a ambição! Quando lhe fala o amor, ela é pura como o céu diáfano, imensa como o horizonte dos ermos, profunda, calma e misteriosa como o cerrado das florestas seculares.

III

Cassange era uma figura exótica, repetimo-lo.

Pequeno e esguio, tinha uma cabeça grande, encarapinhada de cabelos brancos-cinza, que lhe desciam pelo rosto alongado, abastecendo-lhe a barba de judeu agiota. Espessas sobrancelhas escondiam-lhe os olhos de rato, e a larga boca ocultava dentes alvíssimos; o mais era vulgar.

Fora importado da África ainda moleque e conservava o nome de sua terra natal.

Há muito que ocupava na fazenda o lugar de **fábrica**, qualificação que se ali dá ao escravo ajudante do vaqueiro nos estabelecimentos de criação de gado. Servira sob as ordens de vários patrões, sendo o último o marido de Deodata, falecido havia cinco anos, e a quem substituíra Ataliba nas suas funções.

Cassange era octogenário, mas bem disposto ainda.

O seu traje ou couraça, cerzido em vários pontos, harmonizava-se com o corpo, cuja fortaleza, todavia, se poderia equiparar a esses objetos que, conquanto envoltos em camadas de ferrugem, conservavam a primitiva rigidez, resistente à força e ao tempo. Humilde e folgazão, prestimoso e leal, o africano era estimado de todos, servindo-lhes de calendário vivo acerca das coisas relativas a essas paragens.

As pessoas idosas consultavam-no; as moças gracejavam com ele e confiavam-lhe os seus segredos; as crianças queriam-lhe tanto bem que em sua passagem corriam todas batendo palmas e o acolhiam em triunfo exclamando: — Lá vem o Cassange! Lá vem o Cassange!

É que o velho nunca as esquecia, encontrava sempre no fundo das algibeiras, ou no antro dos alforjes, uma fruta, um brinquedo, um agrado qualquer para esses caboclinhos que tanto o prezavam.

Com estes e outros predicados, demais, querido e familiar em casa de Terezinha, sobrava razão ao africano para se iludir acerca do que se passava ali, e dominando logo com este equívoco a leve impressão do vexame que lhe causava a queda inopinada, o velho quase se sentia orgulhoso de provocar aquela hilaridade a entes que eram tão caros por mais de um motivo. Causar-lhes qualquer incômodo ou vê-los atribulados, soturnos, ser-lhe-ia cruenta mortificação; dar-lhes ensejo à mais leve satisfação era o mais subido prêmio que poderia lograr a sinceridade do seu caráter de herói. Retirou-se, portanto, para tirar os arreios de seu animal, peá-lo, conduzia a sua bagagem assaz complicada para o interior, e armava a rede, a convite de Deodata, confirmado pelo vaqueiro, o que de algum modo surpreendeu ao africano; mas, em certas eventualidades, os fatos esgueiram-se da nossa atenção por mais significativos que se manifestem.

De feito, Cassange estranhava que Ataliba, severo cumpridor dos seus de-

veres, sem motivo aparente o impedisse de pernoitar na fazenda; porém continuara a guardar o seu engano relativo à sua chegada, e tranqüilamente acomodava o seu **trem**, o qual nunca abandonava por mais curta que fosse a excursão por fazer.

Deodata e Terezinha, assentadas sobre uma esteira, ao pé do candeeiro, e Ataliba, colocado de cócoras ao lado delas, examinavam cautelosamente as ninharias que lhes trouxera o africano, interrogando-o a miúdos sobre o preço de cada uma, sobre a loja de onde provieram, informando-se ao mesmo tempo da saúde das pessoas conhecidas e inquirindo-o sobre mil outras trivialidades, que deixaremos em esquecimento.

A velha, depois de passar e repassar pelos vidros dos óculos cada uma das suas encomendas, conforme o rol, transmite-as à moreninha que praticava **item-item**, entregando-as a seu noivo, que, por fim, as depositava em pilha, procurando com pachorra dispô-las em pirâmide.

Fala a velha:

– Seis varas de madapolão!

E molhando as pontas dos dedos na língua, puxava a fazenda.

– Iche! não é encorpado! Quanto pagou por isto, Cassange?

– Meia pataca a vara.

– Que manta! Iche! isto é retalho! Quem te vendeu coisa tão **pife?**

– Foi na loja de Zé-Cartucho.

– Logo vi! Não é à toa que aquele renegado tem focinho de herege! Deus me perdoe o falso testemunho; aquele homem não é **capaz** no seu negócio; é um judas! É a segunda velhacada que me prega! Iche! Toma, rapariga; isto só presta para a saia de baixo! Está o dinheiro da tua galinha pedrês!... Dez côvados de chita! **Quenquem** **gentes!** que lindeza! É outra coisa! Olha, olha este papagaio, rapariga, como está parecido.

– É um periquito, mamãe!

– E esta ramagem, e a flor de maracujá, Sô Ataliba, espie bem! Quanto valeu esta chita, Cassange?

– Um patacão, tia Deodata.

– Pois não é cara! Onde a comprou?

– Foi na loja de Sô Zé-Cartucho!

– É verdade. Mandaste sô padre João dizer a missa por alma do meu defunto?

– Inhá, sim, tia Deodata; ele rezou a missa e foi comprida!... gostei!

– Duas meadas de linha... duas cartas de alfinetes... um papel de agulhas curtas. Vê, rapariga; o fundo parece tão estreito! Uma vara de fumo. Iche! este fumo não é lá para que se diga! Cheire-o, Sô Ataliba.

– Inhá, sim, tia Deodata; tem cheiro; é bom para mascar.

– Quanto deu por isto, Cassange?

– Nove vinténs, tia Deodata.

– Que manta! Onde comprou?
– Na loja de Sô Zé-Cartucho.
– Aquele renegado, Deus me perdoe, nunca tem bom fumo de rolo, só tem fumo de corda de vazante; parece mesmo de propósito... Um chifre. Iche! é franzino! Três cabeças de cachimbo... têm o buraco tão estreito! Um canudo de taquari! **Quenquem, gentes!** isto sim, meu ganjão!, foi boa escolha. Olhem, **gentes**, olhem; nunca vi coisa tão rica!

– É verde e encarnado e tem listras douradas, mamãe!
– Quanto deu pelo canudo, Cassange?
– Doze vinténs de cobre, tia Deodata.
– Pois vale uma pataca! Onde o comprou?
– Na loja de Sô Zé-Cartucho.
– Duas rapaduras... estão bem enxutas! Oito cabeças de alho... um cordão de cebolas... tão miudinhas!... Uma libra de açúcar mascavinho... garrafa de azeite doce... Não está rançoso?

A velha levou a garrafa ao nariz e prosseguiu no seu exame.

Cassange, que havia despido o vestuário de couro e ficado em ceroulas de algodão da terra e camisa de riscado, conforme o uso dos sertanejos, embalando-se na rede, armava e **temperava** o seu **berimbau** ou **urucungo**, isto é, um arco com uma corda encerada, trazendo no extremo a metade de uma cujuba. Apoiando este aparelho contra o estômago, e batendo na corda com uma varinha, terminada por uma cabacinha cheia de sementes e seixos, o africano tirava dele sons iguais aos de uma harpa desafinada, fanhosa e pessimamente tocada por algum carcamanozinho aprendiz às portas dos nossos hotéis.

Cassange, soltando o peito, sempre na mesma cadência, sempre na mesma escala, sempre na mesma monotonia, entretinha-se, nas horas vagas com este instrumento de música, deleitando o auditório que nunca se enfastiava de saborear seus improvisos. Ele predispunha-se já a principiar as suas trovas; mas a tia Deodata, assumindo a imponente atitude dos seus momentos de bisbilhotice, não podendo por mais tempo soffrear o segredo que se lhe revolvía lá por dentro, veio plantar-se de frente do Africano, e, com as mãos nas cadeiras, deu à taramela.

– Não me trouxestes **novas** da vila; pois abre as **ouças**, porque temos coisa grande cá por casa... Adivinha!

– A égua baia teve um potro **fouveiro**, tia Deodata?
– Qual, cascavéis!
– Então... O africano meditou um instante – então descobriu-se o garrote laranja?
– Que piranha estonteada!
– Ah! tia Deodata, está acolá, está acolá! – e satisfeito, ele indicava o veadinho encolhido debaixo do tamborete.

– És mais tolo do que o jabuti que subiu ao céu com a águia!

Cassange desapontou.

– Queres saber quem se vai casar?

– Quem, tia Deodata, a Joaquina do Queimado?

– Iche! o delambido! Quem se lembra das tuas **cunhãs**, que não prestam nem para fazer renda de bico! É o teu amo, capivara!

– É o meu amo?!

– Com minha filha, gavião velho!

Cassange saltara da rede, atônito, sarapantado como se houvesse despertado de um sonho.

Logo em seguida correu a abraçar as pernas de Ataliba; ajoelhava perante Terezinha; puxava a saia de Deodata; dançava, cantava e as lágrimas assomavam-lhe nos olhos; mas dessas lágrimas que rolam sem soluços, lágrimas abençoadas que não exprimem choro, antes são o orvalho benéfico de uma existência pacífica, de uma consciência imaculada.

Depois... o velho não se aquietou mais; o seu famoso berimbau tornou-se eloqüente e a sua voz inspirada; o seu corpo agitava-se com a agilidade de uma sáfide em dança voluptuosa. Tantos requebros, tantos trejeitos, tantas caretas fazia, que assaz se assemelhava então a um desses monos barbudos, por aí algures denominados – guaribas.

Deodata acabou dentro em pouco por imitá-lo e de par tirava-lhe a fieira.

Terezinha foi ao quarto buscar a sua viola para Ataliba, e o cavaquinho para o acompanhar; e os noivos brilhavam memorando as suas cantigas aos sons frenéticos dos respectivos instrumentos, também ouvindo-se carpir em lá bemol o **urucungo** de Cassange, marcando o compasso ao remexido e peneirado fandango da tia Deodata.

O folgado durou duas longas horas, e não pararia, por certo, se a velha, sentindo-se esbaforida não o suspendesse, ordenando o repouso.

– Basta de folia, minha gente! – Vamos rezar, rapariga!

Recolheram-se; mas ninguém dormiu naquela casa essa noite.

Cassange, debalde tentava conciliar o sono, depois de haver saboreado o seu **yamba**, erva que fumava em uma cabaça que dá, segundo nos consta, a embriaguês do ópio. Por fim, viera aquecer-se junto de uma fogueirazinha que acendera, coisa que não dispensava, e travando conversa com Ataliba, viram romper a madrugada.

Deodata e Terezinha, embalando-se nas suas redes, fizeram outro tanto: a velha aconselhava a menina acerca dos deveres conjugais e a moreninha ouvia-a com o pensamento preso em Ataliba.

IV

As barras do dia abriam o horizonte; o orvalho cobria as campinas de uma alvura semelhante àquela que deslumbra em uma planície de gelo.

O vaqueiro montado a pêlo em um animal pertencente à Deodata, dirigira-se para o lugar, onde deixara na véspera os arreios. Cassange ia ao seu lado, levando a trote o seu cavalo manso, pachorrento, também veterano e digno companheiro do velho, que, envolto em amplo capote de baeta, desaparecia cercado de um mundo de objetos esquisitos.

Com efeito, na parte posteira da sela pendiam o laço tradicional, um machadinho e uma dúzia de peias. O seu **berimbau** ali vinha sobre dois surrões, contendo a rede e vários trapos do seu uso, formando o todo um alto monte, que poderia servir-lhe de docel. Adiante do preto, sobressaíam os enormes alforjes, mais uma **cuia** para água, uma cabacinha para mel, o aparelho de **yamba** e diversas traquitandas da sua bagagem que lhe sobrecarregavam a cavalgadura apelidada **Fidalgo!** dando-lhe um aspecto de elefante, cortando o deserto e levando ao lombo um precioso ídolo africano, fielmente representado na pessoa de Cassange.

Ataliba era vaqueiro da fazenda do Morro, cujo nome se derivava de uma serra que se estendia em rumo norte, confinando com a província do Ceará.

Campinas imensas, unidas como a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçam airosoas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo.

Uma linha profunda sulcada pelos cascos das cavalgaduras era o único trilho que se oferecia ao viajante estranho a esses sertões, e ai! dele se o perdesse – marcharia eternamente sem alcançar o fim da sua jornada!

Uma variedade de florzinhas mimosas cobriam esses planos de matizes admiráveis e mais precioso do que o mais perfeito tecido dos célebres tapetes de Gobelins – Lindas borboletas esvoaçavam por todos os lados, e uma aluvião de canários, cabeças-vermelhas, ou cardeais, confundidos com as nuvens de rolinhas e chicanos-pretos catavam as sementes das vassourinhas e outras ervas, enquanto os sabiás, os xexéus, o corrução ou **sofrer** gorjeavam entre os leques do palmeiral, ouvindo-se constantemente o melancólico canto das seriemas e a nota profunda e extensa que soltava do monstruoso ninho a ema bravia ou avestruz brasileira. Pela manhã e à tarde o céu tingia-se de cores vivas e resplendentes, destacando-se um fundo azul que, pouco a pouco, até ao meio-dia, se tornava claro e diáfano como se fosse dobrado de uma cúpula de cristal. O sol então brilhava com todos os seus raios e parecia derramar sobre a terra toda a intensidade da sua luz tropical. À noite refulgiam inúmeras estrelas, ou o luar encantava com a sua pureza inimitável.

Era esta mais ou menos a topografia dessas planícies sem limites, cuja salubridade de clima enrobustece o espírito e o corpo.

A manhã irrompia apenas e Ataliba já se aproximava da fazenda do Morro, duas léguas distantes da casa de Deodata, em cujas terras ela morava na qualidade de agregada, desde que perdera o marido.

Cassange, separando-se do vaqueiro, levava direção oposta, percorrendo toda a vizinhança e atirando aos quatro ventos a notícia do casamento da moreninha.

À mesma hora, pouco mais ou menos, a mãe de Terezinha, à porta da cabana, debaixo da cajazeira, sacudia uma urupemba com milho, reunindo no terreiro as diversas classes da sua criação miúda.

A voz rouquenha primeiramente ressoara nestes termos:

– Té! té! té! té!...

E com as asas meio abertas, apressadas como marinheiros em tombadilho durante a tormenta, as galinhas acudiram do poleiro.

– Maldito **tiú!**⁽¹⁾ está me chupando todos os ovos; estou sem ninhada!

A velha com esta queixa, sacudindo punhados de milho, passava a ocupar-se de outra turma.

– **Gru gru gru gru! gru gru gru gru!**

Aparecem os perus cambaleando e atirando para os lados as glândulas escarlates dos papos e, parando soltam um **tuff** prolongado e abrem as caudas em sinal de alvoroço, atordoando os ares com o seu **gru gru gru gru!** que a velha regularmente imitava. Dois garbosos galos encrespavam as cristas e, ao mesmo tempo, soltavam o seu grito de alerta **cocorocó! cocorocó!** Deodata continuou:

– **Coré!...Coré!... Coré!...**

E a fila suína, grunhindo e farejando vem confundir-se com a população emplumada, assustando-a e agarrando com gana entre as presas pontiagudas as espigas, que lhe eram arremessadas.

– Terezinha?! Sai do quarto, rapariga! Vai para a fonte! Vejam só a mandrióna! O sol já está de fora... Já arranjei a cozinha... Os pintos já comeram xerém ⁽²⁾ e a rapariga ficou no fundo da rede! Que rica dona, meu Jesus! Teu marido está servido!

A moça apareceu trazendo o veadinho.

– A bênção, mamãe.

– Deus te abençoe! Sai para a fonte e deixe este bichinho; aqui não há onças!

A moreninha obedeceu e partiu.

Chegou ao ribeiro; nas covas das mãos apanhou água e lavou o seu rosto gentil.

(1) uma espécie de lagarto

(2) Farelo

Depois... principiou a contemplá-lo, a enamorá-lo no remanso da correnteza como em um espelho de cristal; sorria, alisava os cabelos, dispunha-os com graça, desmanchava-os de novo, olhava em derredor de si e recomeçava a sua faceirice de criança, que se reconhece bonita.

Depois... assentara-se sobre a laje, e absorta, apoiando a face no roliço punho, fitava o caminho.

O céu estava recamado de mil cores, os passarinhos chilreavam entre as florzinhas, que se balouçavam, entregando os seus perfumes ao hálito da brisa e o néctar dos seus cálices aos insetos que zumbiam.

Quanta poesia, Terezinha, no firmamento brilhante e na planície sem limites! Por onde vaga o teu cismar, linda morena? Ela a nada atendia.

De quando em quando, a aura embalsamada roubava-lhe um suspiro; suas faces coravam, e baixinho pronunciava medrosa – Meu noivo! meu noivo!...

Os seus seios arfavam; ela comprimia o coração e parecia despertar de um sonho, abandonando-se logo à mesma cogitação.

Quanta poesia, Terezinha, no firmamento brilhante e na planície sem limites! Por onde vaga o teu cismar, linda morena?

– Terezinha?! Terezinha?! bramara a tia Deodata e o eco na quebrada da estrada longamente repercutia: – Terezinha? Terezinha?

Ela procurou alguém ao seu lado; ergueu-se, apanhou a cabaça e voltou a casa.

Passava por baixo da cajazeira, quando uma folha, desgarrando-se de um ramo, veio cair-lhe ao regaço; a moça estremeceu, segurou instintivamente a vasilha e, no mesmo lugar, como na véspera, proferiu um sim melodioso, que se confundiu com o trinar de um corrupeção, que neste momento desferia o seu cântico, lá do mais virente galho da árvore frondosa. Ela entrou e foi entretecer uma delicada cordinha para seu veado, que se tornara o principal objeto dos seus desvelos.

A velha Deodata, na verdade ralhava contra isto, conforme a sua inveterada mania, mas, recordando-se de sua mocidade, deixara por fim a morena entregar-se tranqüilamente a estas preocupações e fingia não prestar atenção ao esquecimento em que permaneciam a sua almofada e os outros seus trabalhos domésticos.

O sol ia alto e era atroz o calor. Não obstante, ao batente da porta, viu-se de repente um caboclo assaz conhecido desses lugares.

O seu nome era – Dionísio, vulgarmente apelidado – o Caçador, porque não se empregava em outra profissão, além da de fazer armadilhas para apanhar os animais da floresta, desde a nambu até a onça traíçoeira.

Preguiçoso, gostava de dormir, dançar e cantar no fundo da rede ao som da viola rouquenha, comparecendo às fazendas apenas na quadra das vaquejadas; porque este serviço é antes um divertimento para os sertanejos, é a reunião predileta em que exibem a sua coragem e perícia, contam as suas façanhas e os triunfos

obtidos nas matas e nos campos, relatam os seus combates singulares e os seus amores singelos. À noite, saboreando a pingue coalhada, o néctar dos seus manjares, trocam entre si medonhas histórias de almas penadas ou de assassinatos recentes.

Era este o gênero de Dionísio.

Ninguém melhor do que ele desfolhava os segredos dos bosques, nem havia quem o excedesse quando dançava, galhofava, ou vazava a garrafa de cachaça.

A sua estatura robusta e vulgar nada oferecia digno de atenção.

O caçador foi recebido pela velha Deodata com verdadeiro prazer.

– Que alma saiu do purgatório? Que milagre o trouxe por cá, Sô Dionísio? Pensei que já estivesse enterrado, filho de Jesus!

– O Cassange contou-me que Sá dona Terezinha foi pedida em casamento, e vim trazer para ela esta paca que encontrei no mundéu.

– Obrigada! Viva a galinha com a sua pevide! Logo vi que Sô Dionísio não estava mal com a gente. Não vinha ao meu ferrolho... Então o Cassange tocou o chocalho por toda a parte?

– Todos já sabem, e os noivos foram mesmo feitos um para o outro. Quis ser o primeiro a chegar a sua casa, tia Deodata; daqui a pouco tem gente como terra!

– **Chi, Virgem Santa!** Ajude-me, homem.

– Estou ao seu serviço, rica tia Deodata.

E o caboclo esfregava as costas no umbral da porta.

– O que tem, homem de Deus?

– As brotoejas estão roendo-me a pele, tia Deodata.

E o caçador, segurando um sabugo dava veemente fricção na própria epiderme.

– Vamos ter uma seca danada, tia Deodata!

– Sô Ataliba também diz isto. Anda tão Jururu o pobre homem!

– Está porque não quero ser vaqueiro! Não vale a pena a gente amofinar-se! No mato há tanta fruta de pequi e tanta caça! Nesta seca vamos ter muito veado, porém tenho os meus receios... Ela vem tão brava!

– Será o que Deus quiser!

A velha e Dionísio passaram-se para a cozinha e o pilão principiou logo a roncar com estrépito.

Terezinha no seu aposento adornava-se com esmero: escolhia a sua saia mais vistosa, sua camisa mais bordada, perfumava os seus lindos cabelos e, pela primeira vez, apreciou o valor extraordinário do seu espelhozinho de péssimo vidro colado em papelão. Ela procurava tornar-se mais bela, muito bela! para receber o seu noivo quando voltasse do labutar dos campos.

A sua demora parecia-lhe infinita.

Ataliba chegou finalmente e, Oh! mistérios do coração! a moreninha sentia-

se embaraçada na presença do vaqueiro; somente de soslaio ousava olhar para ele e falava-lhe com a voz opressa por crescente comoção, velando-lhe a alegria um vexame indefinível.

O que sentes, morena, a turbar assim a serenidade do teu espírito?

É o amor! é o amor que produz semelhantes evoluções nas almas cândidas.

Ataliba também se mostrava abalado; demais, uma idéia triste o perseguia: era o resultado do que observara percorrendo as pastagens e deparando com os prenúncios indubitáveis de uma seca horrível. O vaqueiro confirmava a opinião do caçador e entretiveram-se ambos acerca da justeza das suas apreensões.

Neste ínterim, voltou Cassange, trazendo no arção da sela um garrafãozinho de cachaça e, depois de ouvir uma tremenda repreensão da tia Deodata por causa da sua tagarelice, fora tomar parte na conversa de Ataliba.

O africano, apesar do seu gênio folgazão, ficou acabrunhado um momento, confessando o que fingia ignorar, isto é, que todos os sinais indicavam estar próximo o flagelo que os aterrava e que seria horrível, como nunca se tratara de igual por aquelas alturas, senão em 1825.

— Será o que Deus for servido, animou-se a dizer-lhes Deodata, e corria, a receber mais um amigo que a procurava.

Na verdade, pouco a pouco, a sua casa ficara apinhada de gente. Era curioso vê-los em bandos, homens, mulheres, velhos e crianças, virem, alegres, marchando ramram dos pandeiros, ao tilintar das violas, trazendo lenços com beijos e ovos, cestinhos com frutas e outras e tais ninharias, para oferecerem à noiva de Ataliba.

Era curioso ainda, à tarde, vê-los debaixo da cajazeira, as mulheres assentadas e os homens de cócoras, regalando-se em homérico jantar, que lhes preparara Deodata.

Grandes espetos de pau, cobertos de longos terçados ou mantas de carne assada, percorriam a roda dos convivas, que a cortavam na quantidade calculada para o seu apetite.

Gamelas cheias de pirão, em que escorria a medula ou — tutano — das tíbias ou — canelas de boi — calcinadas nas brasas, aguçavam o paladar dos sertanejos que com os dedos levavam à boca a convidativa substância e se mostravam satisfeitos como não se sabe ser em um banquete real.

A paca que Dionísio trouxera figurava, ensopada com azeite de coco, entre um leitão e dois frangos assados.

Nas tigelas transbordava a obrigativa coalhada, e a farinha com rapadura nas cuias denotava a opulência da sobremesa.

Os cães, uns roendo ossos, outros esparrados sobre as patas, ativos e alerta à espera de alguma migalha, espalhavam-se em grupos junto de seus senhores.

Ali, discutia-se a aspereza da seca; acolá, tratava-se do aparecimento do último fantasma; mais adiante, preparavam a clássica fogueira, e as mulheres varriam o terreiro. A dança ia começar.

As violas romperam um concerto delirante; os pandeiros vibraram com entusiasmo.

Fechou-se o círculo e, cada um de per si, homem ou mulher, saía ao centro dançando, cantando, estalando castanholas, requebrando o corpo em mil trejeitos engraçados e, depois de algum tempo, retirava-se dando uma **punga**, isto é, um encontro com o abdômen na pessoa a quem convidava para o substituir. Às vezes compareciam dois ou mais pares, conforme a animação do momento.

As palmas cadenciadas e as cantigas não se interrompem, sendo notável a facilidade do improviso e a riqueza de rimas que ocorrem aos sertanejos nos seus **desafios**, como qualificam a essa permuta de versos, nos quais transluz freqüentemente a amenidade dos nossos poetas líricos corretos.

Eis aqui um espécime dessas cantigas, colhido nesse baile campestre, cena mágica, cuja honra de **ouverture** coube a Cassange com o seu berimbau bem encebado e arengueiro então mais que nunca:

Meu amo Sô Ataliba
meu amo do coração
vai casar c'o sinhá moça,
rainha deste sertão

ATALIBA

A flor do – pequi⁽¹⁾ – é branca,
do – bacuri⁽²⁾ – encarnada,
a flor do jambo é bonita,
mais bonita é minha amada

TEREZINHA

Dormindo estava sonhando
que me mataram meu bem,
acordei pedindo a Deus
que me matasse também.

(1,2) – Árvores cujos frutos são muito saborosos e nutrientes

DIONÍSIO

Sinhá noiva é pequenina,
pequenina e tão airoso,
veio um cravo de tão longe
apanhar tão bela rosa.

DEODATA

Chove, chuva miudinha,
na copa do meu chapéu;
receb'os noivos ditosos
a bênção que vem do céu

DIVERSOS

A viola quer que eu cante,
a – prima – quer que eu padeça,
o ladrão de meu benzinho
quer que eu por ele endoideça

Minha viola tem –braço –
tem – boca – para falar,
se olhos também tivera
me ajudaria a chorar

Meu cavalo é **ruço pombo**,
marchador de madrugada
marcha, marcha, meu cavalo,
té aos pés da minha amada.

Lá vai – a garça – voando
por cima da gameleira,
dá lembrança a meus parentes,
minha mãe seja a primeira.

Os versinhos que eu sabia
todos o vento levou,
só um lá da minha terra
na memória me ficou.

A fogueira crepitava, a cachaça passava de mão em mão, as cantigas se sucediam cadentes e continuavam a dar vida àquele bando galhofeiro. As estrelas escondiam-se no horizonte; rubras listras do crepúsculo matutino surgiam dentre as comas virentes do arvoredado, quais rosas do Oriente, e o folgado não afrouxava: crescia, crescia, crescia franco, ruidoso, sem tédio, animado pela inocente expansão da amizade e pelos castos enlevos do amor.

V

Achava-se tudo demudado nas terras do Morro, vinte dias depois da festa a que assistimos em casa da tia Deodata.

O sol dardejava raios candentes e a seca aumentava os horrores dos seus assombrosos estragos.

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engelavam-se como se fossem frisadas por um ferro encandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubremente nos campos, tombava exangue. A miséria invadia tudo de um modo sinistro.

Ataliba e Cassange não paravam um instante, não despiam mais as suas vestes de couro e percorriam os recantos da fazenda em labutar incessante.

Ora procuravam tirar a pele dos animais que morriam; ora tentavam levantar pela cauda a rês que perdia as forças e tocá-la para junto de alguma sombra, o que rareava já na mata desnudada. Mas este trabalho tornou-se infrutífero em consequência da enorme mortandade que, de dia para dia, de hora para hora, de momento para momento, recrudescia de um modo aterrador.

O vaqueiro então deliberou remover todo o gado para o lado da casa de Deodata, visto conservar-se ali o riacho mais abundante de águas e na maior profundidade dele; à curta distância da cabana, entre touceiras de mandacarus ou cordas. Ataliba e Cassange começaram a alargá-lo, preparando um tanque, um reservatório que pudesse suprir d'água as extremas necessidades, se por ventura progredisse o mal.

Deodata tomava parte neste serviço, malgrado do vaqueiro, e quando depunha a enxada ia ajoelhar-se no seu oratório, dirigindo aos céus súplicas ferventes. Uma tristeza profunda apossou-se dela e a sua energia consumia-se à proporção que se desenvolvia o flagelo. A idéia de abandonar estes lugares, onde passara a vida feliz, era um pesadelo que a aniquilava.

Demais, seu marido havia lhe deixado uma pequena quantidade de gado, que adquirira com a severa economia e zelo que empregara sempre no exercício da sua profissão, e esse cabedal, que se desenvolvia em comum com os rebanhos do proprietário da fazenda, entregue, igualmente, aos cuidados de Ataliba, devorava-o a seca, e a miséria já se aproximava do limiar de sua cabana hospitaleira.

Esta apreensão mortificava a velha, carcomendo-lhe o físico e abalando-lhe o moral.

O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus deveres, sem que o impossível paralisasse todos os seus esforços. Em circunstâncias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que

lhe fora confiada, quebrar a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças e fugir como qualquer desses caboclos descuidosos, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando a rede de galho em galho, para debaixo das árvores carregadas de frutos ou para junto dos folguedos.

Ele nunca aceitaria semelhante conduta; ainda havia recursos, ainda podia resistir; resistia, pois, com a coragem de que era dotado o seu caráter inabalável e brioso. Assim, comunicando a sua intenção ao fiel Cassange, encontrou no africano um companheiro condigno, e esses dois homens, pela primeira vez, em estreito abraço, uniram-se em um pacto de morte.

Era imponente ver-se então esse velho escravo soluçando enternecido, porque o moço sertanejo acolhera a oferta dos seus sacrifícios e desistira de fazê-lo sair desses lugares, mandando-o para junto do seu patrão a avisá-lo das ocorrências.

Ataliba também insistia pela partida de Deodata com Terezinha; oferecia-se mesmo para as conduzir a salvamento, se tanto fosse preciso, prevenindo-as, todavia, de que regressaria sem demora alguma ao seu porto de luta, como um valoroso capitão que permanece na brecha do baluarte desmantelado enquanto perdura o perigo. A mãe de Terezinha não aceitava o conselho, não se resignava a abandonar a sua cabana, dizer — adeus — a estes sítios, onde morava desde criança. A moreninha, lembrando-se da separação de seu noivo, em transes tão difíceis, concordava com sua mãe.

O sertanejo assaz padecia envolto neste círculo de aflições, que lhe traziam a responsabilidade da sua posição e a pureza do seu amor; mas ocupava os seus assaltos, os seus negros pressentimentos e mostrava-se calmo, pressuroso no trabalho, impassível à dor!

Contudo, debaixo daquela aparência tranqüila, poder-se-ia ler-lhe no cavado das faces e no brilho desusado dos olhos a efervescência das paixões que ardiam no íntimo de sua alma, como as correntes que tumultuam no fundo revolto de um lago, cuja face serena retrata a magnificência do firmamento.

Terezinha não aquilatava com precisão a hediondez da desgraça que rugia sobre aquelas cabeças, como vendaval irresistível. Mas vira fanarem-se as boninas silvestres, sumirem-se as rolinhas do terreiro, secarem-se as águas do ribeiro; notava o desalento de sua mãe, constantemente rezando; afligia-se com a ausência prolongada de seu noivo; percebera por diversas vezes Cassange fitando-a com a vista umedecida, e ela, coitadinha! quando se achava isolada, sentia a melancolia engolfar-se-lhe no seio, pouco a pouco derramava um copioso pranto a amargura que a sufocava.

Nestes momentos angustiosos para as almas cândidas, um inseto que esvoaça ciciando, uma mescla de algodão que a brisa suspende nos ares, uma folha seca e uma pena desgarrada, tudo, tudo enfim, fala ao coração repleto e arranca-lhe, passando, um suspiro ou um nome, uma saudade ou uma lágrima.

É o que sucedia à bela morena nessas cruéis horas de desabafo.

Ela pensava em Ataliba, invocava-o murmurando, e, não encontrando-o, acariciava o presente que ele lhe fizera no dia em que lhe declarara o seu amor, acariciava o veadinho que, por isto, se tornara para ela uma companhia inseparável, e que, habi-tuado aos seus afagos, estava deitado aos seus pés, submisso, com os grandes olhos lânguidos fitos na moça, como se recebesse a confiança dos seus transportes.

Ataliba surpreendeu-a na sala em uma destas ocasiões.

A morena perturbou-se e debalde procurou ocultar-lhe a sua comoção, limpando com o dorso das mãozinhas as bagas do pranto que lhe corriam pelo lindo semblante, como gotas de orvalho descendo do céu sobre as pétalas das rosas.

O vaqueiro sofreu uma estremeção; parou, e com toda a brandura, adiantou-se para Terezinha, perguntando-lhe:

– Por que chora, Sá Terezinha? A moça guardou silêncio; ele continuou:

– Está doente, Sá Terezinha?

– Inhô, não!

– Então, por que chora? Ah! não se confia de mim. Se eu tivesse um aperto no coração, viria pedir-lhe consolo. Não sou seu noivo?

Foi titubeando que o vaqueiro expressou o seu pensamento.

As faces de Terezinha tingiram-se de rubor, ouvindo do sertanejo a palavra – noiva – e disse-lhe ofegante:

– Não tenho nada... Sô Ataliba demorou-se tanto tempo! – Calou-se, e as sombras do constrangimento esvairam-se-lhe da fisionomia, iluminando a essa luz tênue que emana da castidade, com um ar ingênuo que seduz, tremeluzindo em um sorriso meigo nos lábios mascarados da donzela todas as suas virtudes, virtudes que constituem a sua força irresistível, tornando-a um anjo de consolações.

Terezinha arrebatada nessa atitude, e o vaqueiro contemplando-a, experimentara uma fascinação invencível, alucinando-lhe o espírito essa embriaguez volutuosa que verte o amor no paroxismo do entusiasmo. E o sertanejo, inconsciente, febricitante, balbuciara a mesma interrogação: – Por que chora? – pegara nas mãozinhas da moça, ia aquecê-las de beijos, talvez, quando ela convulsiva, furtiva e assustada por esse acesso que agitava seu noivo, arrebatando-a igualmente, levantou-se indicando-lhe o aposento de Deodata, dizendo:

– Minha mãe está rezando, Sô Ataliba!

O vaqueiro, a estas palavras, reassumi de chofre a lucidez da sua razão, ouvindo ao mesmo tempo o pedido de hospitalidade, que alguém dirigia lá do terreiro:

– Ó de casa?

– Ó de fora! – respondeu ele e foi receber o viajante.

Erá Dionísio.

Ele trazia ao ombro, na ponta de um cacete, o seu surrão contendo toda a sua riqueza, a rede e a viola, que estava sem cordas e muda no competente saco.

Via-se-lhe a tiracolo a espingarda lazarina e um embornal contendo um frasco de cachaça, uma cabacinha de pólvora e outra de chumbo; na cintura trazia o seu **paraíba**, isto é, um facão de má qualidade, metido na bainha de sola; o cabo de uma faca sobressaía do cós da ceroula de algodão, que lhe vinha arregaçada até os joelhos; o gibão, atado ao pescoço por duas correiazinhas, pendia-lhe negligente-mente sobre as largas espáduas como uma capa de cavaleiro andante da idade média: o seu chapéu de couro caía-lhe desabado, e na mão direita o caçador empunhava um rijo bastão, com o qual firmava os seus passos ou desbastava a pegada do caminho.

Ele vinha desta vez à testa de algumas famílias que abandonavam esses lugares que se faziam inabitáveis e, conhecedor dos caminhos, conduzia-as para Marvão, em direção à capital da província.

Além do agasalho de que necessitavam os fugitivos até o declinar do sol, quando teriam de prosseguir a sua marcha, Dionísio procurava a casa de Deodata, nutrindo a esperança de convencer a velha a segui-los, enquanto era tempo. Ele precedera aos seus companheiros no intuito de preveni-la da chegada inopinada desses infelizes que surgem ao longe, distinguindo-se em lado oposto do campo o velho Cassange trotando no seu **Fidalgo**.

Eram dez horas da manhã; o calor já abrasava. Deodata aparecera, ouvindo a voz de Dionísio e conhecedora do motivo que o trazia ali, foi recostar-se à porta e esperar por essas criaturas, que partiam como aventureiros, renunciando a tudo para evitarem o perigo iminente que as aterrava. Ataliba e o caçador estavam juntos ao tronco da cajazeira, e Terezinha ao lado de sua mãe.

Seria sem dúvida de fácil percepção para o observador compenetrar-se dos pensamentos que se lhes atropelavam nos cérebros, através daquele silêncio soturno que os cercava, interrompido unicamente pelo arquejar dos seios.

Solene e contristador era o quadro que tinham presente e que lhes ofereciam aquelas famílias, que se retiravam evitando a morte, levando consigo apenas o conforto da esperança de encontrarem algures os auxílios da caridade!

Os moços marchavam à frente e, de dois a dois, substituídos de quando em quando, carregavam ao ombro, em uma vara horizontal, ou as redes dos enfermos, ou os odres cheios d'água aos quais denominam — **borracha**. Em forma de saco, são feitos de sola curtida e hermeticamente cosidos por todos os lados, exceto na parte superior, que é terminada por um pequeno canudo de taquara, para dar passagem ao líquido, fechando-o uma rolha de sabugo, madeira ou palma de buriti⁽¹⁾. Nesses aparelhos rústicos os habitantes destes ermos levam a provisão d'água e, renovando-as sempre, percorrem as grandes distâncias do sertão, como beduínos no deserto.

Atrás dos rapazes vinham os velhos e as mulheres que, depois de uma escolha penosa entre as insignificâncias dos seus haveres, traziam o que lhes era mais indispensável ou sumamente caro, tais como as imagens dos seus oratórios. As mães conduziam ao regaço as criancinhas, e os homens suportavam nos dorsos recurvados os meninos que choravam de fadiga e que desferiam a cada instante a mesma queixa e a mesma reclamação:

— Sede! sede! quero beber!

Os companheiros de Dionísio eram em número de vinte, mais ou menos, e quase todos eles haviam tomado parte no folguedo em casa de Deodata, na noite em que souberam que sua filha fora pedida em casamento por Ataliba.

Eram os únicos agregados da fazenda e moradores daquelas circunvizinhanças, que atrasaram a sua partida, esperando que lhe determinasse a experiência do caçador, que preguiçoso e aferrado aos seus hábitos de comodidade, fá-lo-ia em caso extremo, o que acontecia agora. A execução desse ato era para esta

(1) Linda palmeira, cujo fruto é excelente para doce e tiquara ou refresco.

pobre gente um poema de heroísmo, em cada árvore, em cada pedra, em cada recanto dessas campinas desoladas, deixavam uma reminiscência, uma saudade, um companheiro de infância – **um pedaço d'alma!**

Ataliba, Deodata e Terezinha foram-lhe ao encontro quando se aproximaram do terreiro e dentro em pouco a casa se transformara em um acampamento, cujo aspecto forneceria assunto para um painel digno de figurar na mais opulenta galeria da escola flamenga.

Armaram-se as redes, desdobraram-se as esteiras e assentaram-se as mulheres em redor de Deodata e de sua filha. As crianças, acabrunhadas pelo cansaço, umas dormitavam nos colos de suas mães, e outras, as mais ativas e curiosas, atordoavam o veadinho, ou brincava, com os cães; os homens fechavam o círculo, destacando-se dentre eles o porte de Ataliba que, ao lado de Dionísio, se compenetrara, tanto da cena que o cercava, que parecia entorpecido e indiferente aos incidentes, mostrando uma fisionomia morta entre aquelas outras selváticas, coloridas pelo calor, alagadas de suor, cobertas do pó da estrada e revestidas dessa acre melancolia que de si derrama o infortúnio da expatriação e da ruína.

Travou-se, então, um tiroteio interessante e comovente entre os circunstantes, desejosos de convencerem Deodata de imitá-los na retirada; Dionísio provocou-o:

– Vamos, tia Deodata; não fique aqui, as coisas fazem medo! Não me engano e juro que, em quinze dias, será defunto quem se demorar no sertão. Percam-se os anéis e fiquem os dedos!

O caboclo encarava Ataliba, que se mostrava impassível, e os seus companheiros de bando ajuntaram muitos argumentos e fatos, sustentando a sua opinião. As mulheres, as crianças, todos, enfim, repetiam a uma voz:

– Vamos, tia Deodata? Vamos, Sá Terezinha?

A moça olhava para Ataliba; a velha, abraçando dois meninos travessos que, alisando os seus cabelos brancos, renovavam com graça infantil o convite de seus pais, curvara a fronte e meditava!

Silenciosos, aguardavam todos a sua deliberação; mas Deodata, depois de alguns instantes, com dois fios de lágrimas a rolar-lhe pelas faces rugosas, percorria com o olhar este círculo de amigos e, com um sorriso de obstinação, resignada, dizia-lhe com firmeza:

– Não... não posso!

Eles recomeçaram a sua generosa tentativa e Deodata inabalável, reproduzia-lhes a mesma negativa:

– Não... não posso!

Ataliba interveio:

– Tia Deodata, ouça a seus amigos, eu digo-lhe todos os dias a mesma coisa:

– Parta, tia Deodata! Pelo amor que tem à sua filha, não teime; parta, tia Deodata!

Estas expressões calorosas do vaqueiro impressionaram a velha; um raio de luz fugiu-lhe dos olhos, iluminando-lhe o semblante e foi cair nos corações dos sertanejos, que renovaram as suas súplicas, revivendo-lhes a esperança; mas a velha cortou-a com a mesma firmeza, dando-lhes a mesma resposta:

— Não, não posso!

Então Cassange, que estava, havia algum tempo, em pé junto à porta, viera ajoelhar-se perante a velha, repetindo o conselho de Ataliba:

— Tia Deodata, pela memória do defunto seu marido, meu amo Sô Luis; pelo bem que quer a Sá Terezinha, parta, tia Deodata.

E a voz convulsiva do africano sumiu-se em soluços e ele beijava as mãos trêmulas da velha.

Ela, porém, quebrando uma luta moral que lhe sangrava fel do coração, ergueu-se, abraçou os dois meninos que a acarinhavam e balbuciou esta decisão:

— Se até a semana que vem não chover, partirei, meus filhos, com Cassange e Sô Ataliba; esperem-me em Marvão!

De novo apertou ao seio os meninos e foi postar-se no seu oratório.

O céu quase todas as tardes armava-se dessas nuvens escuras que ameaçam chuva em época ordinária, e esses indícios favoráveis de mudança de tempo causavam a ilusão, sincera ou dissimulada, de Deodata, ilusão que aliás não era compartilhada por nenhum desses homens conhecedores dos mistérios do sertão. A resistência que ela mostrava em semelhante conjuntura provava-lhes exuberantemente que seria inútil persistirem em demovê-la da sua idéia fixa.

Alcançavam a iminência do perigo e mostravam-se verdadeiramente penalizados por semelhante resolução, que pesavam na balança das fatalidades. Ficaram taciturnos desde que a velha se recolhera, e ninguém ousava falar. Cassange, por fim, apresentou a Ataliba uma alavanca e duas enxadas que fora buscar à fazenda.

— Está a ferramenta, meu amo.

— O que vão fazer? — interrogou-os Dionísio.

— Cavar um poço, replicou-lhe Ataliba.

E o caçador, pondo ao ombro aqueles instrumentos, dirigiu-se aos seus companheiros:

— Quem não estiver muito cansado e quiser ajudar-me, venha comigo fazer este servicinho por despedida.

Apresentaram-se alguns moços e, guiados pelo vaqueiro e pelo africano, encaminharam-se com Dionísio para o ribeiro.

.....
Ali cuidaram sem demora alguma da construção de uma latada que os preservasse do calor excessivo, o que prepararam com as esteiras que levaram consigo, atravessando-as em varas apoiadas nos mandacarus.

Depois, despiram as camisas, arregaçaram as ceroulas e continuaram o trabalho, encetado já por Ataliba, para dar escoamento às águas por um pequeno rego lateral.

Durante algum tempo conservaram-se taciturnos e não trocaram uma palavra que não fosse relativa a esse serviço, e nem se ouvia outro ruído, partindo desse ponto, senão a queda monótona da ferramenta percutindo a terra. Mas o caçador era dotado de uma natureza expansiva e não sabia conservar-se mudo em circunstâncias análogas. Na alegria ou na dor dava curso aos seus sentimentos, traduzindo-os em versículos do seu improviso e cantando-os. Assim, de repente, desabafou um largo suspiro dos pulmões e soltou a voz. Os seus companheiros, em estribilho, repetiam-lhes as palavras:

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

A chuva não quer chover,
nem a desgraça parar!...
Os campos ficaram secos
o riacho vai secar.

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

A mata ficou sem sombra,
a roça sem plantação,
a caça foge assustada
das terras do meu sertão.

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

Lá vai correndo o veado,
vai voando o gavião:
fogem todos assustados,
das terras do meu sertão!

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

Aqui não posso ficar,
mas fica o meu coração!
vou-me embora pra longe
das terras do meu sertão.

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

Adeus – ó minha cabana,
e os meus – laços– do sertão!
Adeus! Eu vou pra longe,
mas deixo o meu coração!

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

Atraídas pelas trovas do caçador, algumas mulheres, e Deodata à sua frente, vieram para o riacho e, imitando o exemplo da velha, irrequieta tendo sob a vista a água porejando pelas paredes do tanque, entraram nele, apanhavam a terra do fundo em cacos e lançavam-na para as bordas superiores.

– Não faça isto, tia Deodata, disse-lhe Ataliba; – sai desta umidade, olhe alguma doença!

– O sol está ardendo, tia Deodata! acrescentou Cassange.

Dionísio e os outros sertanejos igualmente se manifestaram contra a imprudência da velha. Então, acedendo à reclamação geral, ela afastou-se com as raparigas e sentou-se junto de Cassange, à beira da cacimba.

O caçador continuou a manejar a alavanca e reatou o seu canto de despedida:

– Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

A saudade por fim dominou-os: emudeceram, e de novo se ouviam unicamente os golpes das enxadas cortando a argila. De repente, a ferramenta encontrou resistência, retinindo em uma pedra. Dionísio, com a ponta da alavanca, examinou cautelosamente o circuito do lugar, e parou desacoroçado.

– É uma grande laje; não podemos fazer mais nada.

O tanque estava todavia assaz profundo e largo, minando alguma água. Fecharam o rego por onde se derivava a corrente enfraquecida do riacho, a qual, tornando ao seu leito natural um fio delgado caía no tanque, enchendo-o, lentamente, derramando a coragem e a esperança no coração de Deodata.

– Basta, meus filhos, venham descansar.

A velha buscou o rumo da casa e seguiram-na todos suspendendo sobre as cabeças esteiras, a fim de se preservarem por um pouco dos raios do sol que dardejava fogo.

Estes pobres homens estavam banhados em suor, derramando-se-lhes pelos corpos luzidios em grossas bagas. Demais, as reminiscências avivavam-lhes no espírito todos os sucessos da sua existência inteira, desde os tenros dias da meninice e, coordenados, compactos, fortes como os elos de uma corrente de ouro, esses acontecimentos, os mais insignificantes e no entanto os mais decisivos da sua condição eram cadeias de afetos a ligá-los a tudo que deixavam por esses sertões.

Tinham a alma dilacerada pelas palavras do caçador, precisavam confortá-la no recolhimento e foram procurar o repouso, aguardando o momento da partida. O vaqueiro sobretudo experimentava semelhante agonia moral: mas comprimia-se com uma energia morna e pouco vulgar. Cassange compreendia-o e retemperava o seu ânimo naquela vontade aparentemente invencível do seu valoroso amo.

Debaixo da cajazeira, quando todos transpunham o batente da casa, Dionísio espetou no último galho da árvore a esteira que abrigava a mãe de Terezinha, dizendo-lhe:

– Tia Deodata, quando vier à porta, encare sempre para esta lembrança que aqui deixo mostrando-lhe o rumo da estrada, e parta, parta sem demora!

– Parta, parta sem demora! repetiam os companheiros; e tudo caiu em calma.

A velha foi para o seu oratório.

.....
O clarão avermelhado da tarde perdia-se nas primeiras sombras do crepúsculo: a noite desenrolava o seu manto escuro, e os sertanejos, depois de uma refeição ligeira, prepararam-se para seguir viagem.

Partiram...

Deodata, Terezinha, Ataliba e Cassange acompanhavam aos infelizes forasteiros. Os campos estavam silenciosos, e silenciosos marchavam essas criaturas. Depois de caminharem meia légua, fizeram alto e despediram-se.

O luar surgira embaciado, alumando essa cena dolorosa.

Um após outro os retirantes abraçavam os que ficavam, e uma escala de soluços comprimidos, escala de sofrimentos tétricos, quebrou a paz da solidão e nada mais se ouviu senão os passos dos fugitivos.

As lágrimas borbulhavam nos olhos do vaqueiro que, pela primeira vez então, não as pudera conter e deixava-as correr francamente em presença de todos.

Partiram.

Deodata e sua filha, Ataliba e Cassange ficaram imóveis nesse imenso deserto, acompanhando-os com a vista. Estavam a vinte braças de distância, quando o caçador, voltando em veloz carreira, dirigiu-se ao vaqueiro, entregando-lhe suas cabacinhas de pólvora e chumbo.

— Tome isto, Sô Ataliba, que lhe servirá de muito daqui a pouco! — Deu mais um abraço no vaqueiro e, sem esperar resposta alguma, foi reunir-se ao seu bando, apressado como viera!

O grupo some-se pouco a pouco no horizonte dessas vastas campinas; já perde o vulto, já se torna um ponto nebuloso, confuso, quando se ouve um eco melodioso e cheio de unção. Entoavam o hino da mãe de Deus, a Ave-Maria; e desapareceram!

Então tornaram à cabana as únicas pessoas que ficavam nesses ermos, Deodata, e Terezinha, Ataliba e Cassange.

VII

Quando o vaqueiro se ausentava, Deodata ia examinar o tanque e, nunca o encontrando cheio, notando, pelo contrário, que ele secava de mais em mais, por várias vezes penetrara na água, limpando-a, tentando embalde descobrir algum obstáculo que impedisse o desenvolvimento do seu volume.

Ataliba e Cassange percorriam de contínuo os campos; mas nada havia que esperar: tudo estava perdido; forçoso era renunciar a qualquer impulso em contrário.

O africano catava por toda a parte o último vestígio de vegetação com que deparava para alimentar o seu — **Fidalgo** — a sua cavalgadura, que era agora o principal objeto das suas solitudes, não se esquecendo também do alazão de Ataliba. O seu **urucungo** estava mudo, sem corda, pendurado entre os instrumentos de serviço do velho, que o visitava constantemente, parando em frente dele e contemplando-o, como se contemplasse o mais belo quadro da vida, a página mais brilhante da sua existência, o intérprete dos seus amores e das suas mágoas, o amigo das solidões e dos bulícios das festas!

Terezinha representava a fria estátua da melancolia, lágrimas furtivas, suspiros doídos revelavam os seus sofrimentos íntimos. Contudo, resignada, acalenta-va uma esperança benéfica: confiava-se na coragem e na experiência de seu noivo, e quanto mais pensava nele, mais se inquietava, por não o ter sempre junto de si, e por vê-lo atordoado em feia lide, do que se atemorizava pelos horrores da desgraça que açoitava já o teto da sua cabana.

Os seus desvelos concentrava-os todos no veadozinho, e ele acostumara-se tanto com a moça que, dir-se-ia, compreendê-la e igualmente estimá-la.

O gado restante sorvia a última gota d'água do ribeiro e mugia em desespero rondando o tanque, cuja entrada estava obstruída por uma pequena tapagem de madeira.

A onça sedenta uivava nas circunvizinhanças da habitação.

No quarto dia depois da partida dos retirantes, Deodata aparecera pela manhã com um lenço encarnado amarrado à cabeça, tendo um emplastro de folhas de mamona colocado nas fronteiras. Ela queixava-se de forte enxaqueca; estava rouca, com uma espécie de gogo, e entupia a cada instante as fossas nasais de fartas pitadas do seu formidável **corniboque**, aparelho idêntico ao **papa-fogo**, contendo porém tabaco em vez de isca; enfim sentia calafrios e estava enrolada no seu famoso xale de lã, peça rajada e ampla, que deixava o mofo do fundo da caixa unicamente nas ocasiões solenes.

— O que sente, mamãe?

— Estou com o estômago embrulhado, rapariga; ardem-me os miolos e sinto arrepios.

E a velha soltava um grunhido, tiritando os dentes quebrados e sacudindo as ilhargas atestando o seu incômodo.

– Bota a mão na minha testa, rapariga; não está fervendo?

– Inhá, não, mamãe; está como leite!

– Iche! pamonha; não conhece febre e quer casar!

– Não seja alguma **sezão** ou **malária** por mode a friaragem da cacimba, tia Deodata; – pite um pouco de **yamba!** – acrescentou Cassange.

– Vira de rumo, mau agouro, proferiu a velha, fazendo para o africano uma cruz com os dedos; e, estalando imenso muxoxo, continuou:

– Não; isto são os meus achaques; – é mudança de tempo; que Deus a traga! Vou beber uma tigela de fedegoso misturado com um nadinha de café e duas cascas de fumo; vamos arranjar isto, rapariga!

Com efeito foi com Terezinha preparar a sua tisana e acabava de tomá-la, quando chegou Ataliba.

O vaqueiro, inteirado do estado da velha, depois de curta meditação, disse-lhe de modo resoluto:

– Tia Deodata, não tens nada mais que fazer aqui; tudo está perdido; nada se pode salvar e a cacimba não tarda a ficar seca. Dionísio tinha razão: de hora para hora cresce o perigo; não devemos querer lutar contra a vontade de Deus; é preciso irmo-nos embora esta noite mesmo, tia Deodata!

Um vislumbre de contentamento assomou no semblante de Terezinha, e Cassange bateu palmas e sapateou aplaudindo o conselho do vaqueiro.

Deodata replicou-lhe, declarando que partiria no fim da semana. O seu caráter teimoso não se dobraria a qualquer momento; Ataliba bem o sabia; portanto, mostrou-se contrariado; mas cedeu.

– Pois sim, ajuntou ele, coçando a cabeça e contrafeito; a cacimba ainda verte um pouco água; ainda temos algum milho para os animais, esperarei mais estes três dias; faço-lhe a vontade, tia Deodata, e conto com a sua palavra! Lembre-se de sua filha e de nós todos, que não desejamos acabar como hereges!

– Já disse, Sô Ataliba, que estou pronta no fim da semana, se não chover daqui até lá, como sonhei! – respondeu ela com algum enfado.

– Mamãe está doente; pode ficar pior e...

– Cala-te tola! – gritando, interrompeu Deodata a justa observação da moreninha!

– Sá Terezinha diz a verdade; o calor, o mau cheiro de carniça dos animais mortos junto da casa e...

– Só tenho uma palavra, Sô Ataliba!

O vaqueiro emudeceu.

– É assim mesmo, meu amo; a febre **malina** não é de graças e pode vir com esta **pestalina** dos campos!

– Não me atormentes, Cassange! Querem botar-me doida! cruces!

E a velha, proferindo de mau humor estas palavras, retirou-se e foi deitar-se.

Ela passou a noite muito aflita, sofrendo dores nos rins e febre latente, conservando-se-lhe fria a epiderme, apesar dos medicamentos cáusticos a que se entregara para provocar-lhe a transpiração.

O pulso batia-lhe desordenado e veemente.

Os sertanejos, além da salubridade do clima e da robustez das suas compleições, que muitas vezes resiste à gravidade das suas enfermidades, aliás de mau caráter, dispõem de vegetais que sempre têm conservados em casa, cuja ação é imediata contra os diversos períodos das moléstias, que conhecem de um modo prático, combatendo-as nas suas transições perigosas com a perícia às vezes de um hábil facultativo.

De feito, Ataliba e Cassange perceberam desde logo que Deodata estava acometida de um acesso pernicioso, com sintomas tifóicos, a que denominam – **febre malina**, em vez de maligna e que se manifesta na província do Piauí, às margens dos rios, por diversos modos, sob o nome genérico de **carneiradas**.

O calor que abrasava, a grande quantidade de gado em putrefação nos campos, e a imprudência da velha de estar constantemente exposta ao sol, recebendo a umidade do tanque além das suas atribuições, eram sem dúvida a causa primordial da sua doença. Nesta convicção, empregaram para a debelar todos os recursos de que dispunham; mas baldados foram os seus esforços. O mal mostrava-se rebelde, relaxava-se às vezes; fazia curtas intermitências; porém reaparecia com súbita intensidade.

Entrara o dia emprazado para a partida e Deodata estava prostrada, debilitada, incapaz de sustentar-se mesmo para sair do seu aposento. Ataliba lembrou de levá-la para Marvão, renunciando logo a realização deste projeto não só pelas dificuldades extraordinárias de empreendê-lo, mas temendo, sobretudo, expor a doente ao sereno por diminuto que fosse ele.

Quis, todavia, conduzi-la para a fazenda, onde a mortandade do gado era insignificante em relação com a do que se aglomerara em casa de Deodata, em consequência da proximidade do ribeiro; a velha, porém, opôs-se a este intento do vaqueiro, que renunciou a ele, evitando contrariá-la.

Então o susto se infiltrara na sua alma, quase prostrando-a vencida por essa última contrariedade. Na verdade, delongar esta falsa posição era horrível, era entregar todos a uma morte desesperada, a uma catástrofe inevitável; mas que alvitre deveria ele seguir em semelhante conjuntura?

Ataliba, entretanto, fez um apelo supremo à sua coragem, decidindo-se a esperar com firmeza o extremo da calamidade e a premunir-se contra ela que crescia com rapidez estranha, superior a qualquer previsão.

Assim, o vaqueiro e Cassange transportaram da fazenda o milho e todas as vasilhas que por ali existiam e cuidaram de reservar a água da cacimba. Terezinha

velava ao lado de sua mãe como um anjo tutelar, rezando baixinho pelo restabelecimento dela, consagrando-lhe agora todos os sentimentos generosos do seu coração, repleto de muito amor, muita inocência e muitas saudades daquelas tardes tranqüilas que se nublaram em tamanho infortúnio!

Carinhosa e previdente, mostrava-se infatigável; mas coitadinha! — o seu semblante estava transmutado pelas insônias e pelos alarmes constantes em que vivia! Os seus lindos olhos estavam empanados por tantas lágrimas que derramavam a furto.

Ela simulava a serenidade que dá o conforto da esperança; tentava compor um sorriso meigo e mostrar-se alegre, para comprazer à sua mãe; mas, oh pobre morena! querendo dominar a maceração da sua desdita, assemelhava-se à frágil haste do arrozal, que o vento dobra ao chão, — desbota a cor virente quando não se parte e murcha!...

Tinha razão a moreninha.

Não decorrera nem a metade do prazo determinado por Dionísio para o desfecho desta cena de penúria e miséria e o sertão já estava transformado em deserto medonho. O céu era uma abóboda afogueada, rematada por um horizonte de nuvens cambiantes, que deslumbravam nas horas do crepúsculo. Um vento tépido, sufocante, espalhando exalações impuras às vezes açoitava as árvores, arrebatando-lhes as últimas folhas tostadas, levando-as ao ar, revolvendo-as em redemoinho, reduzindo-as em pó e atirando ao longe nas solidões imensas. As campinas estavam queimadas e apinhadas de ossos e arcabouços. Os cardumes de moscas varejeiras, mosquitos e vermes asquerosos zumbiam e pululavam em torno destes rostos repugnantes, que revolviam, carcomiam e consumiam. Os animais com as narinas dilatadas, aspirando o ar, e as línguas pendentes, uivando e estorcendo-se, a cada instante caíam e morriam desesperados.

Aluviões de urubus, em constantes evoluções, por todos os cantos do espaço, traçavam inúmeros círculos negros sucessivos, intermináveis, ruidosos, obscurecendo o plano das campinas, como fogos de crepe em funérea câmara, e baixavam sinistramente sobre a rês palpitante ainda, vazando-lhe logo os olhos; e introduzindo as agulhas afiladas do bico tenaz na artéria latejante e mais saliente da vítima que tombava.

Nos galhos desbastados e nus da cajazeira e na coberta da casa, eles pousavam vestindo-as de luto com as suas asas escuras, e grasnavam incessantemente o piar mais soturno das suas entranhas, contendo nas possantes presas alguns restos de carniça, que arrastavam por entre as palhas do teto da cabana com estridulosa monotonia. O que, por vezes, despertava Deodata da sua sonolência mórbida. E a velha escutando esse indefinível tripúdio perguntara a Terezinha:

— O que é isto, rapariga, vem chuva?

— Inhá, não, mamãe!

— O que remexe assim na palha, não é o vento que está zunindo?

Terezinha explicava à velha o que se passava; ela cerrava as pálpebras e tornava à sua apatia.

A onça sequiosa também rondava a habitação, estrugindo o seu uivo pavoroso, que parecia surgir da terra, e reboava além, movendo tudo, a casa e as árvores e agitando com estridor as aves de rapina.

O estampido de uma espingarda repercutiu os quebrados silenciosos, afugentando a fera e abafando-lhe o rugido sinistro.

Esses momentos eram dolorosos para Terezinha, que tremia junto de sua mãe, e a velha mostrava-se muito aflita ouvindo esses ecos, que, dir-se-ia, traçam na sua memória quase extinta a realidade da situação em que se achavam.

Cassange, que raramente se afastava da enferma, tranqüilizava essas frágeis criaturas, asseverando-lhes que passara o perigo e finalizava sempre louvando a lembrança que tivera o caçador de fazer presente do seu polvarinho ao vaqueiro, cuja munição seria insuficiente sem este auxílio, conquanto ele a empregasse unicamente em circunstâncias inevitáveis. Demais, o tanque secava a cada instante, como se acaso o chupasse uma esponja oculta e já não deixava senão um tênue fio d'água coada por uma pequena bica de taquara, que Ataliba introduzira na parede, de modo a encher a sua cabaça, o que conseguia dificilmente e à custa do fuzil da sua arma. De feito, tudo o que respirava ainda nesses ermos tinha convergido para ali, e a audácia e a astúcia disputavam esse insignificante refrigerio, acometendo e destruindo por fim a cerca que impedia a entrada da cacimba.

O riacho não continha mais uma gota; as suas pedras ardiam como brasa e as areias escaldavam como as cinzas de uma fogueira ativa.

Tinha razão a moreninha.

Era lúgubre o aspecto desses lugares, onde reinava a morte com todos os seus horrores; lá fora grassava o flagelo, e no interior, a moléstia pertinaz zombava dos recursos que se empregavam contra os seus efeitos funestos.

Terezinha impacientava-se pelo estado de sua mãe que receava perder. Esta idéia assaltava-lhe o espírito dilatando o âmbito dos seus padecimentos morais. Ela não a comunicava; conservava-a refolhada na sua consciência, como por ventura numa sentença fatal, que lhe inspirava um mau pressentimento.

Tinha razão a moreninha.

A apreensão que lhe lanceava o seio de filha extremosa, pesadelo que a esmagava, o seu segredo em suma, era compartilhado, sem que o desconfiasse, por seu noivo e pelo fiel Cassange, que o previram pela experiência antes que lhe falasse a ela a voz do sangue!

VIII

Na verdade, Deodata, estava no período final de sua doença e já não se podia manter na rede, o que era um mau indício, porque a gente do sertão e de quase toda a zona tórrida no nosso país, renuncia a semelhante cômodo só em último caso, em momentos graves, quando a vida já pende ao túmulo.

Foi, portanto, com o maior constrangimento de tristeza que prepararam um outro agasalho para a velha, que o pedira. Estenderam no chão uma grande quantidade de palhas, sobre as quais deitaram várias peles e muitos panos, e para ali transportaram a mãe de Terezinha.

Decorreram mais três dias, quando, de repente, Deodata experimentou um alívio extraordinário; mostrou-se jovial; conversava e mesmo gracejava. Este retrocesso da enfermidade, que a princípio os surpreendeu, pensando Ataliba que fosse o que chamam **visita da morte**, prolongando-se, derramou o contentamento e a confiança naqueles amigos dedicados.

A prostração diminuiu, e Deodata na segunda noite depois da manifestação destes sintomas lisonjeiros, disse a sua filha:

– Estou enjoada de caldos de carne, rapariga; vai fazer um de galinha; anda; mas olha que não tenha fumaça; anda!

Terezinha ficou embaraçada com esta ordem.

– Então, rapariga, que esperas? Estás cochilando! Tens medo de ir à cozinha? Cassange vai contigo.

– As galinhas morreram todas, tia Deodata, proferiu o africano.

– A raposa deu cabo delas?

– Inhá, não, tia Deodata; a seca e a peste!

– Então perdi toda a criação?

– Inhá, sim, tudo, tudo já se acabou! Não temos mais nada que fazer aqui, tia Deodata; o riacho ficou sem uma pinga! nunca o pensei!... nem na outra seca que veio antes da guerra dos Balaíos! – ajuntou o africano – com um suspiro significativo.

– O Dionísio não se enganou; mas cumpri o meu dever de vaqueiro e não tenho vexame de falar agora a meu amo – acrescentou Ataliba.

– E vocês estão sofrendo tanta miséria por minha causa! – exclamou a velha com os olhos arrasados de lágrimas!

Calou-se por alguns instantes submersa em profunda cogitação e, segurando a mão de Terezinha, virou-se para o vaqueiro:

– Tome conta dela, Sô Ataliba; e sabe o que vale esta pobrezinha!

– O que é isto, tia Deodata! Não vê que está muito melhor, e que o apetite lhe volta?! – interrompeu o vaqueiro.

– Eu e Cassange contamos levá-la para Marvão amanhã. Resta-nos um pouco de milho; temos água em casa; vamos dar uma leve ração aos animais, e a tia Deodata partirá numa cama que arranharemos, armando um jirauzinho no carretão da fazenda e que os animais puxarão devagarzinho, sem balanço.

– Que boa lembrança, tia Deodata! Vamo-nos embora, Sá Terezinha! Viva Sô Ataliba! – gritava o africano, saltando de prazer.

– O que diz, tia Deodata?

– Sim, mamãe?

– Sim, meus filhos!

O consentimento de Deodata causou a todos alegria imensa; Terezinha beijava-a com efusão, e o africano correu a arrancar da parede o seu **urucungo** para expandir a sua satisfação. Encordoou-o, e já o – **temperava** – quando Ataliba, cortando o seu entusiasmo, pôs a mão no instrumento, falando ao velho com severidade:

– O que fazes, Cassange? Esqueces a desgraça que nos rodeia?

– Deixe-o, Sô Ataliba. Toca Cassange; toca; estou com saudade da tua música – insistiu Deodata.

O velho obedeceu-lhe; mas a evocação da desventura arrefecera o seu arrebatamento e a sua mão tremeu ferindo a corda do **urucungo**, que soltara uns sons surdos e monótonos como soluços comprimidos!...

.....

Na verdade, o africano empunhando agora o seu instrumento predileto não se deleitava com ele e em breve atravessando-o sobre os joelhos, pensativo, inclinou a cabeça. Um silêncio de lousa substituiu o seu primeiro movimento, e todos participavam dessa tibieza que oprimia o africano, reverberando-se-lhes nas fisionomias, à luz mortíça do candeeiro, a impressão cruenta que lhes despertavam as palavras do vaqueiro.

Deodata rompeu esta pressão incômoda.

– Estás contente, Cassange, porque vais encontrar as tuas **cunhãs**? Tens saudades delas?

– Tia Deodata está **mangando** com a gente! Bom sinal, meu amo! Estou contente porque tia Deodata está quase boa e vamo-nos embora deste açougue.

– Vou cuidar da arrumação hoje mesmo, ajuntou o vaqueiro.

– Mamãe, o que quer levar das caixas?

– Nada, rapariga; vê o que precisas.

A velha calou-se um instante, depois prosseguiu:

– Leva o saquinho das pratas: tem dez patações; Leva o teu ourozinho, leva... E as lágrimas banharam-lhe as faces.

– O que tem, tia Deodata?

– Por que chora, mamãe?

– Não é nada, meus filhos! Partam amanhã à tarde; não se demorem; fiz mal

em teimar!

– Tia Deodata também parte. Custou-me a descobrir uma invenção; mas parece-me que a minha idéia sortirá bem. Quebro a mesinha da fazenda, que serve para o uso do patrão, e com as suas tábuas e os pregos hei de preparar no carretão um lugar para tia Deodata.

– Eu bem disse que meu amo não se atrapalhava como piau na rede!...

– Mamãe, não quer mais fazer a viagem? – perguntou-lhe Terezinha com meiguice e receio.

– Quero, meu anjo; mas... se eu morresse daqui até lá?

Esta hipótese, assim suscitada inopinadamente, produziu um choque geral.

Ataliba não conteve a sua surpresa:

– Está causando-nos medo, tia Deodata!

– Tudo pode acontecer, Sô Ataliba! Eu desejava que Sô Ataliba me prestasse o último serviço, se eu morresse agora.

– O que é, tia Deodata?

Terezinha debruçara-se à cabeceira de sua mãe e soluçava.

– Pedia que me enterrasse debaixo da cajazeira e que fugisse sem demora para salvar este anjinho, que lhe quer tanto bem, Sô Ataliba!

Depois, mudando de tom e afagando sua filha, acrescentou:

– Que gente fraca! Estou caçoando. Sossega, rapariga; ainda espero ser avó e criar meu netinho, filho de Sô Ataliba! Se o menino for valente e bom como o pai, dará um vaqueiro **chibante**.

– Oh! tia Deodata! – exclamou Ataliba.

– Se for uma rapariga parecida contigo, Terezinha, há de ser o meu **ai Jesus**! Cassange tomará conta do homem; hein, meu corujão?

– Tia Deodata faz a gente rir sem querer!

Na verdade, o seu gracejo serenara a tempestade provocada pela lúgubre suposição de morte, e a velha mais os tranquilizou ainda, pedindo que Terezinha fosse preparar-lhe o caldo.

Ataliba foi selar o cavalo, vestir o gibão e as perneiras para ir à fazenda buscar o carretão, que consiste, como se sabe, em um aparelho composto de duas rodas baixas, rijas e leves, presas em um grande eixo, donde parte um braço para se ajoujar os animais que o arrastam. Ele serve para puxar carnaúbas para as construções dos currais e dos cercados.

Deodata, depois de haver tomado o caldo, adormeceu.

Terezinha assentou-se na rede e Cassange, tendo fumado à porta o seu **yamba** –, vendo partir Ataliba, voltou para sua esteira perto da enferma. Fatigados pelas vigílias, ele e a moreninha, observando a placidez da velha, deixaram-se vencer pelo sono.

A passos vagarosos do animal, o vaqueiro encaminhava-se para a fazenda.

A sua espingarda, levando no ponto de mira um capuz de algodão para melhor firmar a pontaria, ia com a coronha descansada do estribo, e Ataliba empunhava-a aprumada, como se por ventura empunhasse um cetro de comando à fereza do sertão, ai! quantas vezes ele não o fizera retroar com essa arma certa prostrando o jaguar faminto ou atalhando a corrida vertiginosa do – **galheiro** – indomável!

O luar clareava frouxamente a terra. As árvores despidas de folhas e denegridas mostravam-se mais lúgubres do que ao lusco-fusco os goivos à beira dos túmulos. As ossadas alvacentas e esparsas por essas campinas, outrora resplendentes de vegetação, cheias de harmonia e, agora, tão desertas, silentes e pavorosas, desdobravam-se à vista do vaqueiro como um cemitério extenso, interminável! – que ele percorria por essas desoras como um ente sobrenatural, examinando-as, quiçá pela última vez, recolhendo todas as reminiscências, que semeara algures por este solo querido do seu labutar honroso e do seu amor imaculado.

Imerso nestes pensamentos que o torturavam, chegou à fazenda, acendeu o pavio que trazia no bolso, penetrou na casa, desfez a mesa, tirou do seu baú uma muda de roupa e algumas moedas de prata, fechou cautelosamente as portas e saiu com precipitação, como se acaso fugisse de um lugar assombrado, donde se erguiam fantasmas, bradando-lhe:

– Adeus! adeus para sempre!

É que tudo lhe falava esta linguagem misteriosa que dilui a coragem de herói, retalhando-lhe o coração e vertendo-lhe gota a gota o fel que mata, o fel da saudade, o fel que se deve liberar nas amaritudines do exílio, no isolamento absoluto de um desterro longínquo!

Depois, amarrou as tábuas do carretão, prendeu-o ao seu cavalo; ficou em pé por alguns momentos, contemplando a casa, e regressou.

Ora arrastando ele próprio o aparelho destinado à condução de Deodata, com o fim de poupar o seu animal, ora entregando-lhe de novo o trabalho, o vaqueiro alcançou a cabana da mãe de Terezinha pela alta madrugada.

Alagado de suor e devorando-o a sede, Ataliba dirigiu-se logo à cacimba mesmo para apanhar a cabaça que ali sempre se via.

A bica quase não escorria água alguma, deitando-a apenas pingo por pingo no gargalo da vasilha que, conquanto pequenina, era preciso muito tempo para se encher.

Cassange, ouvindo o tropel do animal de Ataliba, procurou brandamente os pertences do seu **yamba** e nas pontas dos pés, evitando despertar Terezinha e Deodata, foi para fora saudar seu amo; mas, não o encontrando já, assentou-se no batente e predispunha-se a fumar.

A moreninha viu-o sair: levantou-se e foi atizar o candeeiro, quase apagado. A luz aumentando o clarão fez a moça estremecer.

Duvidando da sua vista, julgando-se vítima de uma ilusão, mal sustendo a candeia aproximou-se de sua mãe, soltou um gemido de agonia e caiu fulminada, derramando-se ao seu lado a mecha que, todavia não se apagou.

Cassange tomou apressado ao aposento de Deodata, acendeu o seu pavio de cera, e rápido voltou à porta, quebrando a solidão com um grito nervoso, chamando por Ataliba:

— Ó meu amo? Ó meu amo?

O vaqueiro tinha entrado no tanque, apoiara a espingarda contra a parede, bebera, e, ouvindo a voz de Cassange, correu, pressentindo uma nova desgraça.

Com efeito, Deodata estava hirta, com a boca semi-aberta, arroxeados os lábios, os olhos injetados, dilatados, vidrentos, o rosto afogueado e as mãos regeladas. Via-se-lhe ainda o sulco das duas lágrimas que rolam pelo semblante do moribundo, quando exala o derradeiro suspiro.

Deodata já não tinha vida: a sua enfermidade terminara por uma congestão cerebral.

Não se pode traçar limites aos sofrimentos, nem traduzir-se em linguagem alguma a dor cruenta que oprimia os corações daquelas pobres criaturas diante desse cadáver.

Terezinha, voltando a si, parecia enlouquecer; o africano estava inconsolável, e Ataliba sentia-se prostrado por este golpe que lhe tocava fundo na alma.

Horas longas e pesadas coavam o luto e a desesperação nessa mísera cabana. Soluços, lastimações, até blasfêmias ressoavam nesse aposento obscuro.

Ataliba por fim ajoelhou-se e com a voz entrecortada de pranto em tom alto e cheio de unção, começou a rezar, repetindo todas as orações que aprendera na infância. Cassange imitava-o e Terezinha quis acompanhá-los: mas coitadinha! — debilitada pendeu ao lado da velha, e com a linda cabeça reclinada sobre Deodata, como se dormisse em paz ao colo materno, permaneceu desmaiada.

Depois, o vaqueiro foi cuidar do enterramento de Deodata, ficando Cassange a tomar conta do cadáver e da moça, que guardava aquela atitude junto do corpo inanimado de sua mãe, como estátua de mármore em mausoléu.

O pequeno oratório estava em cima de uma caixa, forrada por uma toalha, à cabeceira de Deodata, e, acesos, dois rolos de pavio de cera bruxuleavam a sua fraca luz sobre o semblante desfigurado da infeliz mãe de Terezinha.

Debaixo da Cajazeira Ataliba lembrou-se das palavras do caçador, quando pendurara aquela esteira, que ainda se conservava no mesmo lugar.

Teve ímpetos de espadaçá-la, mas respeitou-a, como se respeitasse a recordação de um excelente amigo, embora fatal, como ela fora. Deixou-a, afastou o carretão, desembarçou o seu animal que tinha vergado ao cansaço e à sede, deu-lhe a ração e ao pertencente a Cassange, despiu o vestuário de couro, e principiou a abrir a cova, conforme pedido que na véspera lha havia feito a velha.

Cada pancada que a alavanca ou a enxada batiam no chão, repercutia nos peitos daqueles sertanejos, arrancando-lhes gemidos compungentes.

IX

Ataliba, desde que finalizara o seu triste encargo, foi tomar o seu traje de vaqueiro e respeitosamente se preparou para a cerimônia do enterro. Cassange seguiu-lhe o exemplo.

À tarde, depois de uma luta extraordinária para afastar Terezinha do corpo de sua mãe e levá-la para o seu aposento, onde o africano ficou mantendo-a, o vaqueiro envolveu o cadáver num lençol e deitou-o no seu jazigo.

A moreninha extorcia-se em convulsões; dilacerava-se e, não suportando a sua compleição a impetuosidade desses sofrimentos, de novo caiu desfalecida.

Entrava a noite.

Ataliba, lançando a última camada de terra na sepultura de Deodata, foi procurar a faca, preparou uma cruz, implantou-a ali, rezou e foi para junto de sua noiva.

A moça, despertando, tinha o olhar irrequieto, desvairado; devorava-a uma febre ardente. O sertanejo aproximou-se dela, tomou-lhe as mãos e buscou consolá-la.

— Sá Terezinha, conforme-se com a vontade de Deus! Tome ânimo; vamos deixar estes lugares.

A moça fixou-o como se não o compreendesse.

Cassange juntou-se ao vaqueiro e ambos falavam à moreninha, suplicavam-lhe, e ela não os ouvia: parecia haver perdido a razão!

Ataliba, assaltado por esta idéia, tomou ao colo sua noiva, afagava-a, e com os olhos lacrimosos, articulando palavras incoerentes, beijou-a como se beijasse sua irmã expirante.

Terezinha então estremeceu, soltou um pequeno grito de surpresa, desatou o pranto calmo, abundante e pouco a pouco voltou ao seu estado normal, aceitando o conselho do vaqueiro, que insistia para que partissem nessa mesma noite, logo que a moça tivesse algum repouso.

Havia bastante água nas vasilhas e algum milho para o sustento dos animais, e o vaqueiro obrava com acerto em afrontar a passagem do sertão durante o dia, conquanto o calor queimasse como fornalha.

A saúde de sua noiva estava alterada e ele não vacilava em empregar quaisquer meios em a conduzir para longe dali, sem perder um momento.

Resolveu portanto dispor tudo, de maneira a empreender a viagem pela madrugada, o mais tardar.

Eram dez horas da noite, pouco mais ou menos, quando a moreninha se entregou a uma sonolência confortadora, e o vaqueiro, falando ao ouvido de Cassange, ordenou-lhe que permanecesse junto de sua noiva, e dirigiu-se à cacimba, para buscar a sua espingarda, que havia esquecido lá, e ao mesmo tempo ajuntar

as esteiras que formavam a latada do tanque, destinando-as a cobrir o carretão, que levaria Terezinha em vez de Deodata.

O vaqueiro, depois de haver desmanchado a tapagem superior da cacimba e reunido as esteiras, examinara a cabaça e, apenas tomara a espingarda, quando ouviu por trás de si um ruído estranho, um estalo de ervas secas quebradas pelos passos sutis de um animal; virou-se e deparou com uma onça formidável, que parara à beira do poço.

O luar estava embaciado e coava uma luz dúbia, imprimindo a tudo um aspecto agigantado e sinistro.

Os mandacarus, com as suas ramificações intrincadas e entretecidas de espinhos, tomavam formas estranhas e misteriosas, refletindo e prolongando no interior da fonte as suas sombras fixas como espectros que se erguessem perante uma cena pavorosa.

Ataliba instantaneamente levou a arma ao rosto, apontou à fera e bateu o gatilho; a pedra feriu fogo, mas o tiro falhou.

A onça assentou-se sobre as patas traseiras, açoitou o chão com a cauda, rugiu como se porventura soltasse uma gargalhada diabólica; aceitou o desafio, menoscabou da vítima e desceu tranqüilamente para a devorar. Naquele recinto vinha procurar uma gota d'água e provavelmente tinha que chupar uma artéria cheia de sangue fresco e generoso; — exultava!...

O vaqueiro arremessou com cólera a espingarda para o lado, meteu o seu chapéu de couro por cima do gibão, apertou-lhe o barbicacho, cerrando-o ao braço esquerdo, puxou da bainha a sua faca e aguardou o inimigo.

O animal deteve-se um instante, medindo-o, depois grunhiu uma nota surda, levantou-se nas patas posteriores e em pé com as fauces hiantes e os olhos fulvos, faiscando o ódio e a sede, avançou contra o sertanejo, meteu as garras no seu chapéu de couro, apoiando-se no braço que ele lhe apresentara como uma barra de ferro, embargando-lhe a passagem.

A fera e o homem firmaram-se no chão, que parecia fundir-se ao ímpeto do choque poderoso dessas duas forças extraordinárias, que se confundiam em uma luta decisiva.

Em vão a onça tentava ferir o nobre semblante de Ataliba, ou comprimir-lhe o corpo num amplexo de morte ou atirá-lo contra a parede da cacimba para o estrangular.

Ataliba parecia um colosso inabalável.

Em vão, também, o sertanejo procurava introduzir a sua faca nas entranhas da fera, que desviava o corpo com agilidade imensa, ou aparava os golpes, ou buscava espedaçar entre as suas garras de bronze o aço puro da faca; mas sentia-lhe a agudez do fio, largava-a apenas a tocava, e a lâmina relampagueava no ar como uma centelha, e de novo se abaixava, e de novo subia com presteza incrível, como

relâmpago traçando linhas brilhantes ao clarão amortecido do luar, entre as sombras que convergiam para a cacimba.

Bramia a fera quando a ponta da faca lhe cortava, embora de leve, as carnes, e o vaqueiro proferia uma impreciação quando as garras afiadas do monstro lhe rasgavam uma nova ferida.

O sangue de ambos já regava a terra.

A fera muda de tática: afasta-se e marcha em meio círculo em frente do sertanejo. De repente assalta-o com veemência, mas encontra-o sempre alerta, depara sempre com a ponta da faca a frustrar-lhe a agilidade e com o braço do moço resguardando-o sempre dos seus ataques traiçoeiros, como trincheira inexpugnável. A onça raivosa de mais em mais, recua ainda e recomeça a luta, fazendo retroar na cacimba, cujas paredes oscilam sons ingentes e soturnos, medonhos símbolos do ódio rugindo nas suas entranhas e rolando pela goela escancarada, quais lavas vomitadas pela cratera de um vulcão.

Esta tempestade ensurdecia Ataliba, porém não o atordoava, antes excitava-lhe a coragem.

Cassange, que tinha um clavinote à sua disposição, com o qual andava desde que renunciara à companhia do seu urucungo, percebendo os uivos provinidos da fonte e recordando-se que Ataliba para lá saíra, apanha com precipitação a arma, examina-a com cautela; deita-lhe outra escorva e parte...

Neste momento ouviu um estridor forte como o ribombar de um trovão que estala. A faca do vaqueiro engolfara-se por fim no coração da fera, e ela, reunindo todas as forças dos músculos, e cerrando as garras e as presas no braço do vaqueiro, bradou o seu grito de morte, reboando ao infinito, e agonizou agarrada ao sertanejo, arrastando-o na sua queda. O sangue espadanava das feridas do moço que não resistiu a este último golpe e caiu em curta vertigem.

Terezinha despertou sobressaltada e, percebendo o africano partir apressado com o clavinote e não encontrando Ataliba, adivinhou a significação daquele estrondo horroroso. Quis chamar Cassange; a voz embargou-se na garganta, e a moça apanhou instintivamente o pavio que ardia no tamborete e correu após o velho.

Ao chegar à porta da saída deu com a cruz da sepultura de sua mãe e com a esteira na cajazeira, que balançava, afigurando-se-lhe um fantasma.

A moça recuou assustada; o pavio de cera de abelhas caiu-lhe da mão; mas a lembrança de que Ataliba corria perigo fê-la partir delirante, com os olhos fechados, em direção ao ribeiro.

Atrás dela saltava o veado, e a moça, pressentindo o sussurro dos passos do animalzinho, nervosa e impressionada, desmaiou a meio caminho.

.....
Cassange ficou perplexo um instante com o espetáculo que lhe mostrava a cacimba, e descendo-a, chorando, gritava:

– Meu amo! meu querido amo!
Julgava-o morto; entretanto removeu logo a onça e, sem esperança alguma, levou a mão ao coração do vaqueiro.

Mas sentindo-o palpitar, apanhou a cabaça d'água, que ficara intacta ao lado oposto, e borrifou o semblante de Ataliba, que recuperou logo os sentidos.

Neste ínterim, a luz que a moça largara no batente da porta quando fugia queimara algumas palhas que sobressaíam da parede e ateara um incêndio voraz nessa casa de piaçava e carnaúbas, construída havia alguns anos.

Uma grossa coluna de fumaça subiu em ligeiras espirais e imediatamente brilhavam milhares de faíscas; as línguas de fogo sucederam-se, lavrando camadas ardentes e onduladas, que se emaranhavam por cima da mísera cabana, devorando-a com a maior rapidez e comunicando-se aos galhos da cajazeira que se inclinavam sobre o teto, estalando-lhes a resina abundante e pulverizando-os em chamas azuis, que se estendiam enoveladas, velozes, como bandos de serpentes diabólicas sibilando em uma gaiola de vidros e coando a eletricidade.

A cruz tosca erguida pelo vaqueiro sobre a recente cova de Deodata, e algum tanto afastada do tronco da árvore, destacava-se imponente e parecia traçar um limite ao incêndio, revelando também um poema de resignação ao homem acabrunhado por esse acervo de infortúnios, que desabara sobre a sua existência inocente, abalando a sua fé e arrancando-lhe d'alma com presas de abutre esta dúvida tortuosa acerca da clemência suprema:

– O que te fiz, ó Deus, para me punires assim!

Foi o que proferiu Ataliba em seguida ao nome de – Terezinha! transpondo com o africano as bordas do tanque e correndo para salvar a noiva. Encontraram-na estendida ao chão e o veadinho balindo a seu lado como um amigo aflito e bafejando-a como se acaso buscasse socorrê-la.

O vaqueiro recurvou-se, aconchegou-se ao seio abaulado, chamando-a, e o sangue espadanando-lhe das feridas, que havia esquecido, umedecia a fronte da morena, cujas mãozinhas aquecia aos lábios, enquanto Cassange lhe friccionava as plantas dos pés. O clarão do incêndio já os atingia, desenvolvendo-se na sua maior intensidade, quando Terezinha abriu os olhos balbuciando o nome de seu noivo. Ele indicou então a casa ao africano exclamando:

– A água!

– Meu berimbau! – ajuntou o velho, partindo apressado no intuito de subtrair do meio daquele vulcão uma e outra coisa. Ataliba quis imitá-lo; mas a moreninha temendo uma nova desgraça, ela, que apenas começava a fruir o contentamento supremo de haver encontrado o seu noivo, enlaçou-o nos braços, cerrou as pálpebras, trêmula como uma criança assustada, pronunciando-lhe baixinho ao ouvido:

— Não! não vá!

O africano aproximava-se da cajazeira quando a cumeeira se desmoronou, reduzindo tudo a uma fogueira imensa, iluminando ao longe e atordoando as aves de rapina que repousavam por ali e que vagavam agora piando fortemente em direções incertas.

Todo este jogo foi rápido.

Ataliba, levando a moça, havia chegado à cozinha que, edificada a duas braças da cabana, ficara intacta em consequência da serenidade do tempo.

O trem do africano, os arreios, o surrão, a borracha de campo bem provida e os alforjes ali estavam pendurados; porque o velho gostava de saborear o seu **yamba** à beira dos tições e quase se tornara cozinheiro da casa durante a enfermidade de Deodata, concentrando para aquela parte da habitação as comodidades que exigiam os seus hábitos, evitando por esta forma aborrecer a enferma. Assim, reunindo-se ao vaqueiro, que cuidava então de medicar os seus ferimentos, ele sacou dos alforjes um maço de algodão, uma garrafa de cachaça, cera de abelhas e um saquinho pejado de ervas e sementes de curativo, eficazes em tais casos, cuja munição o acompanhava sempre.

Ele próprio quis lavar o braço do vaqueiro, mas Terezinha não o consentiu, incubindo-se deste desvelo.

Na verdade, o sangue gotejante de seu noivo, provocou-lhe uma reação extraordinária, incrível, e ela, revestindo-se de uma coragem inaudita, com firmeza e tranqüilidade, embebia o algodão na aguardente diluída, lavando as feridas do sertanejo com uma delicadeza extrema, dirigindo-lhe freqüentemente, com um sorriso divino acrisolado em tantas provanças, estas perguntas acentuadas com toda a brandura de sua voz melodiosa:

— Não dói?... Não arde? Não sente muito?

O seu coração parecia calar todos os sofrimentos que a mortificavam e agitar-se-lhe uma corda poderosa e sublime, movendo o seu moral quase aniquilado e fazendo brotar de chofre da sua própria fraqueza uma força de vontade sobrenatural que a transformava em anjo, de frágil mártir que era a instantes! Um bálsamo inebriante arraigava-lhe nos seios, palpitações de sensações estranhas, essa energia fictícia, que torna a vida como um sonho dourado a nublar-se em pesadelo horrível! Falava-lhe o amor a sua linguagem misteriosa e divina!

O sertanejo estava enlevado, contemplando com surpresa essa mudança repentina de sua noiva e o esmero que empregava Cassange na preparação dos seus medicamentos, no que se dedicava como um farmacêutico zeloso dos títulos acadêmicos perante leigos invejosos, e o moço, saboreando estas provas de afeto, ainda se sentia feliz cercado de tantos infortúnios!

Oh! sim, nos braços dessa cruz dos católicos, símbolo de redenção, dever-se-ia colocar, de um lado o amor inocente, e do outro a amizade, apedrejando-os a agiotagem e a hipocrisia!

O africano, concluindo a sua preparação, que consistia em pós feitos das cascas queimadas de – ameixeiras ⁽¹⁾ – e um emplastro de cera de abelhas derretida com outros ingredientes da sua prática, aplicou com Terezinha o aparelho no braço do vaqueiro, o que fez cesar logo a hemorragia. Este curativo, assaz conhecido dos sertanejos, é de um efeito rápido e maravilhoso.

Durante o tratamento, Ataliba entregou-se pouco a pouco a uma distração profunda, como se por ventura convergissem todas as suas idéias para a solução de um problema vital, que lhe asaltara o espírito.

– O que tem, Sô Ataliba? O remédio está muito quente? – perguntou-lhe Terezinha.

Ele manifestou-lhe nestes termos o motivo da sua meditação:

– Não podemos demorar-nos aqui; no incêndio perdemos a água; perdemos tudo! Não posso mais levar Sá Terezinha no carretão, porque a viagem seria muito vagarosa; entretanto, é preciso chegarmos pela manhã à estrada, ou morreremos de sede! Sá Terezinha está fraca e...

– Inhô, não, Sô Ataliba; eu não estorvo a viagem; estou pronta! Se tenho receios é por causa das suas feridas; estou pronta! – replicou-lhe a moça, erguendo-se em uma atitude verdadeiramente admirável e atirando sobre as espáduas a linda cabeleira em desalinho.

– Ah! Sá Terezinha, agradecido! As minhas feridas são arranhões de gato – disse zombando o vaqueiro; – podemos partir!

– Podemos partir! – ajuntou Cassange.

A idéia de fazer seu noivo sucumbir à sede, caso a sua debilidade retardasse a viagem, sustinha a coragem da sertaneja e essa mesma idéia impelia aqueles homens a esquecerem os sacrifícios e a procederem com intrepidez, não acalentando na mente senão a salvação recíproca.

No momento desta deliberação, o veado, saltando junto da moreninha, fê-la pedir ao vaqueiro que não o deixasse.

O sertanejo pareceu hesitar; mas a moça suplicou-lhe este favor de um modo tão contristador, que ele logo accedera, incumbindo-se o africano de carregá-lo ao arção da sela.

As disposições da viagem foram rápidas.

O africano foi ao tanque buscar a cabaça d'água; distribuiu-a pelos dois animais, medida indispensável para não – afrouxarem – e, enchendo a sua garrafa de cachaça, entregou o restante da borracha de campo a seu amo, achando-se a deste vazia, o que vimos quando ele regressava da fazenda e se encaminhara para a fonte, chamando-o então o africano, que deparara com Deodata morta.

(1) Pequena árvore de espinhos que dá um fruto da forma e cor de um tomate comum, tendo o gosto acre, mas saboroso quando maduro.

Os arreios de Ataliba ficaram casualmente sobre o carretão, que escapara do incêndio, visto o sertanejo tê-lo afastado da árvore quando fora abrir a cova para a mãe de Terezinha.

Depois de preparar os animais e arranjar com a rede e o surrão do africano um cômodo para a moreninha à garupa do alazão, enquanto Cassange metia o veadoinho a meio corpo em uma espécie de saco, o vaqueiro fez um sinal à moça e ao velho e foi com eles prostrar-se na sepultura de Deodata.

As chamas do incêndio iluminavam os semblantes pesarosos daqueles sertanejos, que derramavam as últimas lágrimas de saudade nesses sítios, outrora tão cheios da sua ventura, e agora da sua desdita!

Montaram, partiram, e por uma coincidência havia quinze dias que o caçador dissera — adeus — a estes lugares!

X

A noite passava de meio; a atmosfera estava cálida e sufocante.

Ataliba raciocinava bem contando com a salvação se alcançasse cedo a estrada geral, cujo trânsito era freqüente, esperando mesmo reunir-se a alguma tropa – de retirantes cearenses, que se internavam constantemente pela província do Piauí.

Precisavam, portanto, vencer seis léguas para chegar àquele ponto, distante oito de Marvão.

O vaqueiro e o africano, com perícia habitual, poupavam os animais maltratados, instigando-os todavia de modo que não se atrasassem um instante.

Marchavam! marchavam!

Terezinha, deparando pela primeira vez com a desolação das campinas, dubiamente aclaradas pelo luar envolto em nuvens espessas, não manteve o desassombro momentâneo de que se revestira e comprimia o colo do vaqueiro, receando perder o equilíbrio e cair.

Ela julgava distinguir espetros a perseguirem-na; fechava os olhos para os evitar; mas uma atração superior obrigava-a a firmar a atenção nesses pontos obscuros, que lhe causavam tanto medo.

A febre acometia-a provocando-lhe a superexcitação nervosa que lhe criava essas visões, provenientes da imaginação exaltada pelo estado mórbido em que se achava e pela luta enorme que travara o seu espírito, sustentando a fragilidade do corpo, alquebrado pelas vigílias e corroído pelo veneno que lhe infiltrara no coração a série prolongada dos infortúnios recentes, em rude contraste com a tranqüilidade dos dias idos. Este estado mórbido era mais grave do que o indicavam as aparências e não teria passado indiferente a olhos menos preocupados. Desenvolveram-se sorrrateiramente e apenas a seiva pujante da mocidade e a força de amor que consagra ao vaqueiro aparentavam nela uma saúde que estava longe de possuir, emprestando-lhe a energia que mantinha a ilusão dos que a cercavam. Era como a **flor dos gelos**, era como o cisne a modular o seu canto extremo, cheio de inspiração e melodia, desferido porém às portas da eternidade.

Vivia, mas como os fogos-fátuos e as estrelas cadentes.

O vaqueiro, pressentindo o pavor que se apossara de Terezinha, mandou Cassange, que vinha ao seu lado esquerdo, passar para o oposto, em frente da moça e, conversando alegremente com o velho e com ela, desvanecia-lhe o terror.

A morena, coitada! simulava calma e coragem, recordando-se então do transe terrível que se tornava mister superar.

Marchavam! Marchavam!

A sede abrasava-a; ela, porém, esforçava-se em pedir água a Ataliba unicamente em caso extremo, atendendo à pequena quantidade que levava o odre de

campo do africano. Contudo, à proporção que se adiantavam, os incômodos da moça agravavam-se e ela não podia mais reprimir a sede e a cada instante exclamava:

– Água! água!

Ataliba, sentindo que as mãos febricitantes da moça lhe queimavam o peito e notando que a borracha já murchava, conquanto a moreninha parcamente bebesse aos goles, reservava-lhe as gotas que poderiam abrandar a sede que ele igualmente sofria, porque não resistia à voz de sua noiva, exclamando: – Água! água!

Os animais relinchavam, encurtavam os passos e o suor umedecia-lhes o pêlo, manifestando cansaço e fraqueza: contudo, marchavam, ainda marchavam!...

.....

Irrompiam os albores da madrugada, e dois caboclos robustos, bem montados, trazendo a tiracolo odres repletos, galopavam pela estrada geral.

Eram Dionísio e um seu íntimo que vinham procurar o vaqueiro. De feito, o caçador conduzira seu bando a salvamento até perto da capital e voltara à vila, convicto de encontrar ali o noivo de Terezinha. Ele sabia que Ataliba não se embaraçava com qualquer obstáculo e, mesmo aceitando a obstinação de Deodata como a causa da demora assaz prolongada do vaqueiro, não compreendia a sua persistência na fazenda que, se não lhe falhava a experiência, deveria estar à mingua de recursos.

Esperou-o ainda dois dias, e resolveu ir ao seu encontro para o auxiliar em qualquer situação complicada.

Executando o seu projeto, quando tudo repousava, Dionísio, secundado pelo amigo que o imitava, também afeiçoado ao vaqueiro, apoderou-se dos melhores cavalos do maiorato de Marvão e partiu em direção à fazenda do Morro.

Galopavam! galopavam!

Faltava apenas uma légua para Ataliba atingir o ponto principal da sua viagem, quando o animal do africano principiou a tremer e caiu morto. O velho, que saltara da sela, reconhecendo a tempo que a sua cavalgada não resistia mais, vendo-a estrebuchar, ficara aflito e chorava como se houvesse perdido um tesouro.

Ataliba descera Terezinha, apresentando o alazão os mesmos indícios de fraqueza e rolando extenuado poucos passos adiante.

O sol dardejava no horizonte os seus primeiros raios; entretanto, nem um pipilar de passarinho acordava as campinas!

Cassange obedeceu ao amo e abandonou o pobre – **Fidalgo** – o seu companheiro de lides!

O veadinho, com o qual o africano repartira a sua insignificante ração d'água, restando-lhe apenas um pouco no fundo da garrafa, o veadinho deixara o invólucro que o sustinha e solto ia ao lado da Moreninha.

Andavam! andavam!

A moça recolhia o seu último alento e empregava o último esforço!

O rubor afogueava-lhe o lindo rosto; um calor imenso devorava-lhe o seio arquejante: os olhos estavam dilatados, ardentes e, com a voz trêmula e fraca, ela continuava a exclamar: – Água! água!

A fisionomia do vaqueiro também estava transmutada, abatida.

Andavam ainda; andaram mais alguns metros.

De repente, Terezinha sentiu calafrios, ficou pálida como o âmbar, e desfalecendo em síncope aguda, em tom quase extinto, apenas pronunciou estas palavras: – Ataliba!... água!... água!

O vaqueiro atendeu-a e suspendendo-a ao colo dirigiu-se apressado para a estrada geral, dizendo a Cassange:

– Espero-te na gameleira ⁽¹⁾.

O veado seguiu-o.

Em vão o africano corria atrás do vaqueiro para lhe entregar as últimas gotas d'água que continha a sua garrafa, o passo de Ataliba era largo, e em pouco percorreu o quilômetro que o separava da estrada geral.

Com efeito ali existia uma gameleira imensa, cujos gomos caprichosos do tronco majestoso sempre apresentavam sombra, mesmo quando a árvore estava despida de todas as folhas, como lhe acontecia agora.

Ataliba precipitou-se sobre uma das raízes adventícias, que formavam um tecido intrincado. Perto, ao seu lado esquerdo, elevava-se, alto como fortaleza de barro, um formidável formigueiro.

O vaqueiro embalava, reclinada ao seio, sobre o coração a cabeça de sua noiva, pálida como era: ela, levando angustiosamente as mãos ambas à garganta, em voz sumida, murmurava:

– Ataliba, adeus! Eu morro!

E elevara depois os seus grandes olhos desvairados para o céu, como procurando a mansão dos anjos.

Comprimiu em seguida o coração com uma das mãos, repetindo o nome do vaqueiro.

Ele espremia-lhe nos lábios as últimas gotas do odre e umedecia-lhe a fronte com as suas lágrimas e com o sangue das feridas do seu braço que se abriram novamente, visto o esforço que havia empregado quando carregava a moça.

Ela, porém, rangia os dentes de pérola, cerrando-os: o seu hálito serenou, e o movimento da carótida, que lhe pulsava irregularmente, decresceu de menos a menos e parou...

... Terezinha estava morta!

(1) Figueira, árvore imensa.

Assim se dispersaram por esses ermos infinitos as folhas do poema da sua vida inocente e perfumada da essência desse amor sublime, que dá à virgem a auréola deslumbrante de um anjo protetor, cá na terra, centro de lutas, fraquezas e misérias!

Ataliba, não duvidando mais deste acontecimento inopinado que lhe retalhava a alma em mil pedaços, proferiu uma blasfêmia num grito de desesperação e desmaiou...

O seu braço ferido pendeu inerte derramando sangue.

Decorridos alguns momentos o veado, que estava a seus pés, sufocado de cansaço e sede, levantou-se arrepiado e encabritando-se berrava inquieto junto do vaqueiro.

Ele lobrigara os olhos de uma cobra cascaval faiscando em um buraco do formigueiro.

O monstro espicha a cabeça, estende-se, estende-se, e, sibilando, vem mergulhar as presas nas feridas do sertanejo.

O moço abriu as pálpebras, despertando-o talvez a dor causada pela mordida e pela ação violenta do veneno, e encarou o semblante de sua noiva banhado-o de lágrimas. Depois... reparou na serpente que lhe sorvia o sangue, e sorriu como que agradecendo ao monstro a morte que lhe trazia, evitando-lhe o procurá-la!

Mas, a cobra endereçou-se para o veado, que mordida as pernas de Ataliba, como por ventura para despertá-lo e fortemente balava, recuando aterrorizado pela perseguição da serpente que, com a cabeça hirsuta, retinindo o seu cascavel, distendia-se descrevendo uma curva em frente do vaqueiro, fascinando o animalzinho que passava ao seu lado direito e que, trêmulo e encolhendo-se, se ocultava junto de Terezinha. Prestes a mordê-lo, a serpente deteve-se, fixando-o, queimando-o com as chispas dos seus olhos acesos e satânicos.

Ataliba havia aconchegado ao seio o cadáver de sua noiva e seguia o jogo da serpente. No momento em que ela se abaixava e se erguia novamente, concluindo os seus meneios e ia tocar no veado, que ficara tranqüilo como acabrunhado ou paralisado por um fluido magnético poderoso, o sertanejo, com uma rapidez incrível, apertou-a na sua mão certa, esmigalhando entre os dedos de ferro a cabeça da cascavel, salvando assim aquele bichinho que sua noiva tanto prezara.

Depois, o vaqueiro fitou o caminho, esperando Cassange para lhe dizer adeus! – mas a cegueira cobre-lhe a vista, e deitando sangue pelos ouvidos, reconheceu que soava a sua hora final; abraçou Terezinha, colando os seus lábios nos lábios de sua noiva e deu-lhe um beijo, amplo, eterno como o dos sepulcros!

A serpente, presa ainda na sua destra já regelada, desenrolava pouco a pouco o corpo imenso, em que parte oculto nas cavernas do formigueiro, e estorcendo as roscas escamosas em mil convulsões, traçava por cima de Ataliba um arco horrível, tremulando na pele marchetada as cores vivas do íris, produzidas pelo veneno, e reluzindo aos raios do sol...

.....

O africano por fim aparece, aproxima-se e fica mudo, imóvel perante este quadro doloroso e inesperado.

Nem uma lágrima, nem um gemido, nem uma voz fugiram do peito do velho, que se assemelhava ali à estátua do luto.

Momentos depois ouviu-se o tropel de dois animais esbaforidos, e dois gritos de satisfação quebraram o silêncio; mas Cassange não se moveu!

Dionísio e o seu amigo chegavam; percebendo de longe o africano, demonstraram-lhe o prazer que experimentavam, vendo-o. Surpreendeu-os a indiferença do velho, e qual não foi a angústia do caçador atinando com a desgraça que o prostrava naquela inação!...

.....

Dionísio e o seu amigo prepararam três cavadores de madeira, entregaram um ao africano e principiaram a abrir a sepultura para Ataliba e sua noiva.

Cassange desempenhava automaticamente este serviço, o pobre velho!

A terra neste sítio era fofa e arenosa; o trabalho adiantava-se, quando surgiu na estrada um bando de retirantes. O número das pessoas que o constituíam estava reduzido a menos da metade das que haviam partido reunidas, e tamanha era a mortandade, que se tornaram impassíveis, indiferentes, de refinado egoísmo, egoísmo brutal, e não se detinham para sepultar os que faleciam, nem pais, nem filhos, nem irmãos! Abraçavam o defunto que lhes era próximo ou caro e o desamparavam na estrada! O odre do Caçador, porém, atraiu-as, refrigerando-as, e ajudaram-no, tanto mais porque muitos dentre esses **retirantes** conheceram e estimaram o vaqueiro.

Cortaram a cascavel para a tirar da mão de Ataliba, onde ferrara as presas, e deitaram-no com Terezinha na sua cova; fechavam-na quando Cassange apanhou o veadinho, que também havia sucumbido de sede, colocou-o aos pés dos cadáveres e ficou firme, com os braços cerrados ao peito, observando a terra cair sobre eles.

Ninguém se opôs a este seu procedimento e só Dionísio o compreendeu.

Cobriram a sepultura com toros de paus que apanharam perto, ergueram sobre ela uma cruz, rezaram e partiram.

Dionísio, levando como lembranças do vaqueiro a sua faca e a espingarda, assentou o africano no animal em que viera.

O velho dava com as esporas nos flancos da cavalgadura e soltava gargalhadas estridentes, convulsas, medonhas.

— Estava louco!

Detiveram-no, levaram-no à força, mas o seu espírito, a sua alma, o seu coração ficavam dormindo naquela sepultura, onde dormiam para sempre os restos dos entes que tanto prezara, de sua querida Terezinha e de seu amo Ataliba, O Vaqueiro.

